

Relatório anual de 2005

NiZA - Instituto holandês para a África Austral

Autor: NiZA
Data: Junho de 2006



Instituto Holandês para a África Austral

Índice

1	Prefácio.....	2
2	O NiZA em resumo.....	4
3	Actividades na África Austral	6
3.1	Programa de Direitos Humanos e Construção de Paz	6
3.2	HIV/SIDA e democratização	10
3.3	Programa de Justiça Económica.....	11
3.4	A campanha Fatal Transactions.....	14
3.5	Programa Media e Liberdade de Expressão.....	16
3.6	Colaboração entre os programas.....	19
3.7	Análise de risco	23
4	Actividades na Holanda e na Europa	24
4.1	Comunicação e informação.....	24
4.2	Angariação de fundos	28
4.3	Biblioteca e centro de informação e documentação	28
4.4	O clima político em Haia e na Europa.....	29
5	Colaboração	31
5.1	Hivos	31
5.2	PEPSA: Construir a base para eleições.....	32
5.3	Zimbabwe Watch.....	33
5.4	SANPAD.....	35
6	Planeamento, monitorização e avaliação	36
7	Organização interna	38
7.1	Assuntos de pessoal	38
7.2	A organização administrativa.....	40
7.3	Comissão de trabalhadores.....	41
8	Justificação financeira	43
8.1	Demonstração da situação financeira	43
8.2	Demonstração dos rendimentos.....	43
8.3	Demonstração das despesas	45
9	Anexos.....	47
10	A missão do NiZA	48
11	Objecto da Fundação NiZA.....	49
12	Parceiros na África Austral	50
12.1	Programa de Direitos Humanos e Construção de Paz	50
12.2	Programa de Justiça Económica.....	50
12.3	Programa Media e Liberdade de Expressão.....	51
13	Redes de contactos e colaboração.....	54
14	Publicações	56
15	Abreviaturas.....	58
16	Objectivo deste relatório anual	59
17	Ficha técnica	60

1 Prefácio

África constrói e o NiZA ajuda a construir. Empenham-se na construção de democracia, liberdade e direitos humanos.¹

É só na prática que estas palavras se fazem vida. Maio de 2005: mais do que vinte jornalistas do Congo Oriental reúnem-se em Bukavu para um curso sobre eleições e o papel da imprensa. Para tal, têm que fazer uma longa viagem, de automóvel, de autocarro, de barco e a pé. Estão dispostos a fazê-lo. Para muitos participantes, esta é a primeira vez que seguem um curso e que podem discutir com outros sobre o significado de objectividade e independência jornalística num ambiente onde é preciso pagar para obter informações. Também nunca conheceram eleições e campanhas eleitorais, o que não estranha, porque já faz 45 anos que não há eleições no Congo. Agora, estão planeadas eleições para o verão de 2006.

A longa viagem dos participantes simboliza o caminho longo a percorrer pela democratização na República Democrática do Congo e outros países da África. O Congo tem o tamanho da Europa Ocidental, quase não tem infra-estruturas e tem sido dilacerado por guerra e violência durante decénios. O que são vinte jornalistas num país tão imenso com problemas tão graves? Para as pessoas em questão, significam muito: representam a esperança de um futuro melhor para elas e as suas famílias. Melhores condições de vida, segurança e acesso às informações correctas. O NiZA apoia essa esperança.

Os holandeses estão bastante convencidos da necessidade de solidariedade internacional, ou, como se diz na gíria profissional: ‘a base de apoio da cooperação para o desenvolvimento’ é sólida. As pesquisas mostram que os holandeses preferem dar dinheiro para projectos concretos de resultado rapidamente visível. Só então, parecem pensar, é que o dinheiro dos doadores é bem utilizado. A boa utilização de fundos foi pesquisada numa avaliação extensa dos subsídios para organizações como o NiZA, feita pelo Ministério das Relações Exteriores holandês. Entre outras, examinou-se minuciosamente o Programa de Direitos Humanos do NiZA. O parecer final é muito positivo. No entanto, este programa não mostra resultados rápidos. Em termos de pessoas melhor formadas e organizações melhor equipadas obtivemos resultados rápidos, mas não em termos de prevenção de violação dos direitos humanos. Tal prevenção não se deixa exprimir facilmente em números, mas é um assunto sobre o qual há muito que aprender. E no que se refere à aprendizagem o NiZA também recebe uma pontuação elevada na avaliação. Colocamos efectivamente em prática o que aprendemos junto com os parceiros. Fazemo-lo para obter melhores resultados, também em matérias difíceis como a democratização, a essência do nosso trabalho.

Não se constrói uma democracia dentro do prazo dum pedido de subsídio. É um processo lento e frágil, apoiado por inúmeras organizações e pessoas, todas com a sua própria maneira. Sobre isto, há uma compreensão amplamente compartilhada entre as autoridades e organizações de desenvolvimento holandesas. Isso também é verdade quanto à necessidade de fortalecer organizações locais para que desempenhem um

¹ Ver também o parágrafo 4.1.

papel vital na construção de sociedades e no exercício de influência (política) sobre políticas governamentais. Parece mesmo estarmos de acordo que existe uma conexão entre riqueza ocidental e pobreza africana, e também que a luta contra a pobreza consiste em mais do que um ensino melhor, mais hospitais, acesso a água limpa e conhecimento de tecnologia agrícola, por mais indispensável que todas estas coisas sejam.

Parece-nos que está na hora de que as organizações sociais e as autoridades dêem as mãos para adaptar à realidade moderna a imagem pública da cooperação para o desenvolvimento, ainda baseada mormente na velha receita de auxílio a pessoas independentes e pobres.

Qualquer organização se dirige ao público com exemplos sugestivos que se ‘vendem’ bem, o que é ótimo enquanto nos mantivermos honestos na nossa comunicação. A democracia e o fim da pobreza não se realizam de um dia para o outro. O que contamos ou queremos contar sobre o nosso trabalho terá que fazer justiça à realidade complexa e difícil da cooperação internacional. Senão, não levaríamos a sério o público holandês. Tal menosprezo do público, uma vez revelado, significaria o fim da base de apoio da cooperação para o desenvolvimento – e com razão.

Peter Hermes
Director geral do NiZA

2 O NiZA em resumo

Uma África Austral democrática. É nisso que o NiZA põe todo o empenho. Eis a essência da missão do NiZA.

O NiZA considera a democratização como condição necessária para a população da África Austral realizar uma divisão justa de poder, recursos e oportunidades. O NiZA apoia pessoas e organizações na África Austral que lutam por esta divisão justa, partindo de três temas:

- **Direitos humanos e construção da paz.** A base da democracia é a garantia de direitos humanos na lei e na prática. A paz e a estabilidade são condições essenciais para o respeito aos direitos humanos;
- **Media e liberdade de expressão.** Os meios de comunicação social independentes e profissionais monitorizam as elites políticas e económicas. Provêem os cidadãos da informação necessária para formar a sua opinião e participar no processo democrático;
- **Justiça económica.** Numa democracia, as pessoas participam em questões de política económica nacional, por exemplo a gestão de matérias-primas. A voz do povo é ouvida igualmente na política económica internacional. Isto é necessário para um desenvolvimento justo e sustentável.

Melhorias na África Austral não dependem somente das iniciativas na África. Também são necessárias mudanças a nível internacional, tais como outras leis, outros acordos comerciais, maior prevenção de conflitos e uma imagem mais equilibrada da região da África Austral. Cidadãos da Holanda também desempenham um papel em tais mudanças. Por isso, o NiZA combina o seu trabalho na África Austral com acções, lobbies e campanhas na Europa e Holanda.

Em 2005, o NiZA continuou a execução dos programas plurianuais temáticos. O fortalecimento de organizações parceiras, a cooperação nacional e internacional, o intercâmbio de informações e as actividades de lobbying e campanhas, constituem um conjunto integrado nestes programas. Parte dos parceiros esforça-se por realizar objectivos *conjuntos*, como a responsabilidade social na exploração de diamantes ou o reconhecimento do papel de assistentes jurídicos na protecção legal aos pobres.

Além disso, o NiZA estudou em 2005 o **impacto de HIV/SIDA na democratização**. Esta pandemia está a ameaçar a sociedade e as estruturas democráticas da África Austral, visto que os direitos das pessoas que vivem com HIV/SIDA não estão suficientemente garantidos. A luta contra o HIV/SIDA é de vital importância para o futuro da África. Por isso, o NiZA criou a base para um novo programa que será dedicado, entre outras, aos direitos de pessoas que vivem com HIV/SIDA.

Cooperação

Na África Austral, o NiZA colabora com cerca de cem organizações, variando de organizações novas e activistas a redes profissionais com muitas organizações-membro, capazes de fazer lobby a nível mais elevado. Muitas das actividades sustentadas pelo NiZA destinam-se a reforçar as organizações parceiras, já que organizações fortes são

capazes de denunciar injustiças, fomentar mudanças e proteger grupos vulneráveis. O NiZA faz campanha junto com as organizações parceiras na Europa e Holanda. O que mais importa é que os parceiros compartilhem um máximo de conhecimento e experiência, uns com os outros, com o NiZA e também – muitas vezes através do NiZA – com organizações no seu próprio país, em países vizinhos e na Europa.

Todas as actividades na África Austral realizam-se sob responsabilidade das organizações parceiras. São elas que planeiam os projectos, seleccionam e recrutam os peritos de que precisam, controlam o progresso e avaliam os resultados. O NiZA não actua ele próprio como executor de projectos na África Austral.

Números importantes de 2005*

- Dentro dos programas, o NiZA colabora com cerca de cem organizações parceiras. Em conjunto, aplicaram quase 4,1 milhões de euros em projectos na África Austral. Em total, realizaram actividades no âmbito de reforço de organizações, cooperação, pesquisa e intercâmbio de informações e actividades de lobby e campanhas;
- € 650.000 foram aplicados em projectos que não pertenciam aos programas temáticos, como a PEPSA (ver parágrafo 5.2) e SANPAD (ver parágrafo 5.4);
- € 765.000 foram aplicados em informação, lobbies e campanhas na Europa e Holanda;
- A 31 de Dezembro de 2005, trabalhavam no escritório em Amsterdão 61 colaboradores (51 equivalentes de tempo integral) e 2 voluntários permanentes;
- O NiZA recebeu quase € 415.000 em ofertas e donativos. A organização obteve o apoio de 21.000 doadores;
- O trabalho do NiZA e das organizações parceiras foi avaliado várias vezes em 2005, entre outras pelo Ministério das Relações Exteriores da Holanda, um dos maiores financiadores do trabalho do NiZA. As avaliações foram, todas elas, positivas e até muito elogiosas. Especialmente o sistema do NiZA para monitorizar e avaliar o trabalho foi muito bem apreciado.

* Ver também o capítulo 8, Justificação financeira.

3 Actividades na África Austral

O NiZA apoia organizações na África Austral que se empenham por uma sociedade democrática. A liberdade de expressão, o direito a informação, o respeito de direitos humanos, uma divisão justa da riqueza de matérias-primas e a participação de cidadãos nas decisões que determinam a sua vida dizem muito mais sobre o nível de democratização do que a realização periódica de eleições.

Para o NiZA e os parceiros, os direitos humanos universais são um objectivo e um meio. Os direitos políticos, sociais, económicos e civis constituem os fundamentos duma democracia. Ao mesmo tempo, a interpretação e aplicação destes direitos é um processo dinâmico e continuamente sujeito a debate. Uma democracia nunca está terminada.

Mais influência na política

Em 2005, o NiZA escolheu como um dos seus objectivos dar mais ênfase ao seu próprio carácter de organização envolvida politicamente e incentivar o exercício de influência na política no Norte e Sul. Muitos dos problemas na África são parcialmente causados ou mantidos no Norte. Por isso o NiZA tenta apoiar, em medida crescente, organizações que desejam chamar à responsabilidade os seus próprios governos, assim como entidades e empresas internacionais, pela sua linha de acção e por injustiças. Elaboram-se diversos exemplos nos seguintes parágrafos.

Através de três programas, o NiZA apoia adequadamente as organizações parceiras individuais na África no campo do desenvolvimento de organizações e do melhoramento da própria efectividade. Além disso, no seu trabalho o NiZA dá cada vez mais ênfase a actividades conjuntas. Colaborar na pesquisa e publicação, em campanhas na África Austral e Europa e no lobbying junto ao próprio governo e em foros internacionais. Nestes processos complexos, o peso político das organizações é consideravelmente maior quando actuam em conjunto.

Nos últimos anos estabeleceram-se contactos proveitosos entre organizações africanas que lutam em diversos países pelo mesmo objectivo, tal como informação sobre direitos humanos ou responsabilidade social empresarial. Além disso, o NiZA incentiva as organizações para que se dêem as mãos nos seus próprios países, por exemplo para se prepararem conjuntamente para as eleições. A conjugação de esforços permite, além disso, que os parceiros saiam do seu isolamento e aprendam com as experiências mútuas. Onde possível e efectivo, o NiZA também procura estabelecer relações entre o Sul e o Norte. É a essência do trabalho do NiZA.

3.1 Programa de Direitos Humanos e Construção de Paz

A maioria dos países da África Austral assinou as declarações de direitos humanos das Nações Unidas e da União Africana, mas poucos são os que deixam repercutir esta intenção na política e nas leis. Um dos direitos humanos consiste no acesso a eleições livres e honestas. No Zimbabué, este direito foi desacatado em Março de 2005, quando o presidente Mugabe manipulou as eleições. Também após a sua vitória, mostrou pouco

respeito por tratados internacionais, decidindo, por exemplo, pela desocupação em larga escala de bairros de barracas nas cidades e em torno delas. É o tipo de desocupação que também está na ordem do dia em Angola, mas com a diferença que em Angola são os promotores imobiliários que se apropriam do solo no centro. Nesta actividade, recebem apoio das autoridades.

As organizações sociais terão que pressionar os seus governos para que estes cumpram as declarações de direitos humanos que assinaram. Além disso, terão que assegurar que os direitos ganhem significado para o cidadão comum, o que podem fazer 'traduzindo' acordos abstractos para o dia-a-dia da pessoa, por exemplo chamando a sua atenção para o seu direito a terra, a assistência jurídica, a alimentação e a cuidados de saúde.

A protecção de activistas de direitos humanos

Torna-se evidente que as directrizes internacionais para a protecção de activistas de direitos humanos têm pouco efeito. Por exemplo, quando um cidadão ameaçado mantiver contactos regulares com uma embaixada estrangeira, isso pode aumentar a sua segurança, porque qualquer coisa que lhe ocorrer não passará sem ser notada. No entanto, poucos activistas estão a par destas e outras possibilidades práticas e jurídicas, como mostrou uma pesquisa realizada em 2005 por NiZA, Amnistia Internacional e Hivos.

Nos anos vindouros, estas três organizações empenhar-se-ão para uma melhor protecção de activistas de direitos humanos. Estes activistas podem ser assistentes jurídicos e mediadores de informação, mas também podem pertencer a muitos outros grupos, tais como jornalistas, protectores do meio ambiente, assistentes sociais e professores de escola. Em Angola, a pesquisa foi discutida com parceiros interessados, o que resultou num plano para uma melhor divulgação de avisos para a segurança e sobrevivência entre as pessoas que estão no campo. Em 2006, o mesmo plano será levado a cabo no Zimbabué e em Moçambique.

O que fez o Programa de Direitos Humanos em 2005?

Em 2005, os objectivos prioritários do Programa de Direitos Humanos do NiZA foram:

- Incentivar a colaboração entre os parceiros;
- Relacionar o trabalho dos parceiros com possibilidades de lobbying na Europa e Holanda;
- Melhorar a protecção de activistas africanos de direitos humanos.

Os 24 parceiros do Programa de Direitos Humanos planearam, em total, 125 actividades e realizaram 121. Quatro actividades foram canceladas, entre outras por causa do agravamento da situação no Zimbabué.

O programa aplicou 1.025.000 euros em reforço de capacidade, pesquisa, troca de informações e actividades de informação na África Austral e na Holanda. Isto resultou, entre outros, em centenas de assistentes jurídicos, mediadores de informação e mediadores de conflitos treinados, bem como em sistemas de organização melhorados nas áreas de planeamento, monitorização, avaliação e finanças. Várias organizações colaboraram em actividades de pesquisa ou desenvolveram material de treino na área dos direitos humanos.

Para mais informações, consulte www.niza.nl/humanrights

Direitos humanos na prática

O NiZA quer diminuir o abismo entre os tratados formais e a prática do dia-a-dia. É por isso que o NiZA apoia, através do programa de Direitos Humanos e Construção de Paz, 24 organizações em seis países: Angola, Malawi, Moçambique, Zâmbia, Zimbabué e África do Sul. O apoio dirige-se em primeiro lugar a projectos que fomentam o acesso à

justiça – principalmente para grupos desfavorecidos, como as mulheres. Nestes projectos a informação assume um papel central.

Além disso, o NiZA e os seus parceiros esforçam-se pela implantação dos direitos humanos na legislação nacional e na política governamental. Por exemplo, a organização de mulheres ‘Forum Mulher’ tomou parte activa na reformulação no direito de família em Moçambique. Na lei antiga, que datava do tempo colonial, as mulheres tinham a posição de menores. Na nova legislação, a posição da mulher foi posta de acordo com o padrão dos direitos humanos internacionais.

Abaixo, descrevem-se algumas actividades empreendidas em conjunto pelos parceiros, nos campos de informação, assistência jurídica, direitos de mulheres e construção de paz.

Estar mais a par dos seus direitos

Na África Austral, muitas pessoas estão pouco a par dos seus direitos, o que é verdade especialmente para os que moram no campo. Os cidadãos têm muito pouco conhecimento sobre o que a lei determina no que se refere a, por exemplo despedimento, divórcio ou eleições. A informação é importante porque dá às pessoas a consciência de que podem desempenhar o seu próprio papel na melhoria da sua posição. A informação dá-lhes acesso à sua sociedade, permitindo que participem efectivamente em vez de serem excluídos.

O NiZA apoia seis grandes organizações de direitos humanos no Malawi, Moçambique, Zimbabué e África do Sul. Todas elas realizam o seu trabalho de informação com um grande grupo de voluntários, variando de quinhentas a mil pessoas. No Zimbabué, os parceiros estiveram muito activos providenciando informação independente aos eleitores na primavera.

As seis organizações em conjunto deram início à criação de uma política de voluntários que associa as pessoas à sua organização por um tempo mais longo. Em 2004 também compuseram um manual de treino para ensinar aos voluntários de que maneiras as pessoas podem ser informadas sobre os seus direitos. Em 2005, este livro foi distribuído pela África Austral numa tiragem de dez mil exemplares. O manual foi tão apreciado que continuam a receber uma chuva de encomendas de todo o continente.

Procuo um advogado

Na África Austral é frequente que pessoas que vivem no campo ou em bairros pobres e precisam de assistência jurídica não podem consultar um advogado, porque ele pede

Da ameaça à oportunidade

Soldados africanos têm uma má reputação. É compreensível, em vista dos horrores cometidos nas muitas guerras civis dos decénios passados. Depois de uma guerra, o medo entre os cidadãos permanece muito grande: todos os ex-soldados seriam perigosos e constituiriam uma ameaça para a paz. Durante as negociações de paz, fala-se muito do ‘problema dos ex-combatentes’ e de como podem ser ‘controlados’.

Pouca atenção é prestada ao facto de que ex-militares também podem promover a paz e a estabilidade. Os colaboradores da ProPaz em Moçambique – todos ex-soldados – mostram que é possível. A ProPaz medeia em conflitos, que vão desde questões entre vizinhos até às tensões políticas regionais. Deste modo os colaboradores da ProPaz tentam reconquistar o seu lugar na sociedade ‘normal’, depois de terem vivido durante anos como soldados.

O NiZA tomou a iniciativa de publicar e financiar a publicação ‘Struggles in Peacetime’, na qual a ProPaz relata sobre estas tentativas. O livro foi distribuído em toda a África Austral, sobretudo entre as organizações de interesse de ex-combatentes. Também se destina a consciencializar os responsáveis políticos ocidentais de que os ex-combatentes africanos podem desempenhar um papel construtivo na sociedade pós-guerra.

Para mais informações, consulte
www.niza.nl/strugglesinpeacetime

muito dinheiro ou trabalha num lugar muito afastado. O que há por vezes são os chamados *paralegais* (assistentes jurídicos não oficiais), que dão consulta e ajudam pessoas nos seus problemas jurídicos, numa base voluntária.

Testemunha

‘Na guerra uma pessoa não tem tempo para se perguntar porque alguém lhe quer mal. Ou se foge, ou se luta. A ProPaz mostra que também se pode resolver um conflito através do diálogo. Graças ao nosso trabalho, pessoas que viveram como soldado desde pequenas vão ter um novo papel na sociedade.’

Salomão Mungoi, do parceiro do NiZA ProPaz, sobre a reintegração de ex-combatentes em Moçambique

Os paralegais não são funcionários oficiais. Em seis países trabalham oito parceiros do NiZA para obter o reconhecimento formal destes assistentes, por exemplo impondo exigências à formação. Uma posição oficial fará com que os paralegais sejam tomados mais a sério, tanto no seu lobby para uma legislação melhor como no seu apoio prático a cidadãos. Os parceiros do NiZA estão bem representados desde o nível nacional até ao nível local e têm muitos simpatizantes. Em 2005, organizaram para organizações jurídicas e líderes políticos reuniões nacionais sobre a importância e a posição dos paralegais. Na África do Sul, fizeram lobby para obter aprovação e apoio do ministério e do parlamento para um projecto-lei de reconhecimento formal.

As próprias organizações de assistência jurídica estão encarregadas da formação dos paralegais. Em 2005, compuseram um manual de treino para os paralegais e permutaram entre si o seu material de treino. Estas duas iniciativas revertem em benefício do trabalho diário dos paralegais, o que é um passo importante para a acreditação.

Direitos da mulher: promessa por cumprir

Desde há anos que a posição desfavorecida das mulheres está na agenda política mundial. É um assunto que mereceria atenção em todos os campos de acção política, mas a atenção diminuiu, o que teve como consequência que o dinheiro reservado para melhorar a posição desfavorecida da mulher seja totalmente insuficiente. Medições de resultados sobre este assunto são também raramente feitas. Os políticos esquecem-se dos direitos da mulher e prestam muito pouca atenção à relação entre homens e mulheres.

O NiZA colabora com seis organizações de mulheres que, nos últimos anos, participaram activamente em conferências das Nações Unidas sobre os direitos da mulher. Estes parceiros trabalham em Angola, Moçambique, Zâmbia e África do Sul, quatro deles a nível nacional e dois a nível local. Foram especialmente as organizações nacionais que pressionaram os seus governos para que mantivessem os direitos da mulher na agenda, lembrando os líderes políticos das suas belas promessas em foros internacionais. Além disso, esforçaram-se por tornar os assuntos de conferências internacionais acessíveis aos seus simpatizantes. Igualmente, organizaram, por si próprios, campanhas de informação sobre HIV/SIDA e sobre violência contra mulheres.

Os parceiros notaram que também eles mesmos, como organizações, ainda não tinham procurado melhorar de modo consciente a posição das mulheres. Meteram a mão na consciência e compuseram um manual que deve servir de ajuda a eles e outras organizações africanas para concretizar a igualdade entre homem e mulher na prática das condições de trabalho, da política de pessoal e da convivência diária.

Construção de paz vinda de lado inesperado

Uma paz estável beneficiará com uma boa reintegração de soldados na sociedade. Para tal é preciso mais do que uma rápida desmobilização e desarmamento. Em alguns países da África Austral, veteranos de guerra organizados empenham-se a favor da mediação de conflitos e da atenuação dos efeitos de traumas de vítimas de guerra. O NiZA apoia quatro destas organizações em Angola, Moçambique e Zimbabué.

Em 2005, representantes destas organizações de parceiros seguiram um curso intensivo de mediação de conflitos e atenuação dos efeitos de traumas num instituto de treino sul-africano, curso esse que foi financiado pelo NiZA. Em seguida, as organizações utilizaram o conhecimento adquirido em treinos para os seus próprios colaboradores.

Um dos parceiros, a ProPaz de Moçambique, iniciou em 2005 a documentação de experiências de antigos combatentes como mediadores de conflitos (ver o texto inserido). A organização de paz também realizou uma conferência para grupos de interesse de antigos combatentes de toda a região, sobre o papel construtivo que os combatentes podem desempenhar depois da guerra como mediadores de conflitos.

3.2 HIV/SIDA e democratização

De todos os infectados por HIV/SIDA no mundo, sessenta por cento vive na África Austral, apesar de nem vinte por cento da população mundial viver naquela região. Na maioria das vezes são mulheres e raparigas que foram infectadas. Na África do Sul, o risco de uma mulher com menos de 24 anos ser violada é maior do que a probabilidade de ela ter concluído o ensino básico.

Em 2005, o NiZA fez um estudo da relação entre HIV/SIDA e democratização, o que deu início a uma grande mudança dentro da organização. Enquanto, até há pouco tempo, o NiZA (e não só o NiZA) considerava a SIDA como um enorme problema médico e social, agora também se apercebeu da sua dimensão política. O HIV/SIDA enfraquece todas as instituições e serviços colectivos que são essenciais para uma sociedade democrática e estável. O ensino, a assistência médica, os serviços de limpeza e recolha de lixo, o aparelho administrativo, a polícia, o exército: o HIV/SIDA conduz ao enfraquecimento do sector público e contribui fortemente para que os cidadãos percam a sua confiança no funcionamento do estado. O HIV/SIDA causa milhões de órfãos, que desde há muito já não podem ser acolhidos pela família. Resumidamente, o HIV/SIDA tem um efeito devastador nas circunstâncias económicas, políticas, administrativas e sociais em toda a África Austral.

Evidentemente, a pandemia também tem uma influência enorme nas organizações parceiras do NiZA e no seu pessoal. Colaboradores e seus familiares adoecem ou morrem. Ao mesmo tempo, o HIV/SIDA torna-se um assunto no trabalho quotidiano deles, porque levanta perguntas sobre, por exemplo, a posição jurídica de colaboradores doentes e a disponibilidade de medicamentos. Os jornalistas já não podem evitar o assunto, mas como se pode chamar a atenção para pessoas HIV-positivas, e como se pode contribuir com informação para uma luta efectiva contra a doença?

Por isso, o NiZA já não considera a SIDA como o domínio exclusivo de organizações de auxílio (médico). Em 2005 decidiu-se desenvolver um programa que se dedica à relação entre o HIV/SIDA e a democratização, antes de mais nada apoiando na África, a nível nacional e local, o lobby para uma política efectiva – uma política que garante em especial os direitos de mulheres e raparigas com HIV/SIDA. Além disso o NiZA estimula a atenção estrutural pela doença – dentro das próprias fileiras, entre parceiros e em todas as actividades. Em 2005 o NiZA organizou duas sessões internas de treino de pessoal, pediu orientação política à, entre outras, Action Aid International, e em 2006 iniciará uma política para todos os colaboradores. Além disso, o NiZA assiste os parceiros na introdução duma política de HIV/SIDA.

3.3 Programa de Justiça Económica

A maioria dos países na África Austral tem um papel marginal na economia mundial e é muito pobre. *NePAD* (New Partnership for Africa's Development) é um programa africano de desenvolvimento que se empenha, através de reformas, por mais cooperação económica entre países africanos e uma posição económica mais forte da África a nível internacional. Até agora os planos são determinados pelos líderes de governo. A população não tem influência e terá que aguardar o que as reformas vão significar para eles.

O NiZA esforça-se por conseguir um maior compromisso das organizações sociais para com o NePAD. Por exemplo, o NiZA apoiou parceiros em Moçambique e Zâmbia na sua contribuição para os chamados *position papers*, documentos em que grupos sociais dão a sua opinião sobre os planos do NePAD em ambos os países. Os parceiros também deram informação sobre o NePAD aos seus simpatizantes, tais como membros de organizações de agricultores e mulheres. Além disso organizaram reuniões com funcionários do governo, com o objectivo de influenciar a política governamental relacionada com os objectivos do NePAD.

A exploração e o comércio de matérias-primas constituem uma fonte de rendimento importante na África Austral. Os preços de óleo, platina e cobre no mercado mundial sobem, principalmente por causa da procura crescente por parte da China. A África Austral deveria ser cada vez mais rica, mas só alguns têm o proveito. A maioria dos rendimentos do sector das matérias-primas vai para empresas estrangeiras e uma elite que se enriquece a si mesma. Não há nenhum controlo democrático.

Em Angola e na República Democrática do Congo (RDC), a riqueza mineral é motivo e catalisador de luta. Os partidos lutam pelas valiosas matérias-primas, com as quais não só se enriquecem a si mesmos como também compram armas para se combaterem uns aos outros. Essa concorrência contribui para a continuação das guerras e a violação dos direitos humanos. Também os problemas sociais e ecológicos relacionados com a exploração das matérias-primas são grandes. Por isso, convém aumentar a participação da população nas decisões sobre a maneira de exploração e a divisão dos rendimentos.

Por meio do subprograma sobre Responsabilidade social empresarial e matérias-primas, intitulado *PPP* (Paz, Princípios e Participação), o NiZA fortalece as organizações sociais. O NiZA colabora com elas no lobbying e na consciencialização, não só na

própria África Austral, mas também internacionalmente – por exemplo através da campanha ‘Fatal Transactions’.

O que fez o Programa da Economia em 2005?

Em 2005 o Programa da Economia deu prioridade a:

- Aumentar o conhecimento das organizações de parceiros sobre o NePAD, a política económica internacional e o papel de matérias-primas na democratização e em conflitos;
- Integrar a campanha ‘Fatal Transactions’ no programa PPP, para assim enquadrar as actividades de lobby e campanha do Norte no trabalho das organizações dos parceiros no Sul.

O NiZA e os 39 parceiros do subprograma PPP sobre Responsabilidade social empresarial e matérias-primas planearam em total 64 actividades e realizaram 44 actividades.

O programa PPP aplicou 587.930 euros:

- no aprofundamento dos conhecimentos das organizações dos parceiros e nas suas capacidades de gestão de informação, gestão de projectos, lobbying e pesquisa;
- na participação em redes nacionais e internacionais pelos parceiros, na pesquisa entre os simpatizantes tais como mineiros e garimpeiros de diamantes, na análise de leis propícias ou não propícias ao desenvolvimento económico em benefício dos pobres e à responsabilidade social empresarial;
- em actividades de lobby e campanha, tanto na África como a nível internacional.

Desde o início em Julho de 2005 até ao final de 2005, o programa NePAD e as vinte organizações parceiras planearam 151 actividades nas áreas da construção de capacidade, participação de parceiros em redes nacionais e internacionais, e lobbying. Realizaram-se 134 destas actividades, pela quantia total de 659.347 euros. Algumas actividades foram adiadas e outras foram canceladas em consequência de reajuste de prioridades pelos parceiros envolvidos.

Para mais informações, consulte www.niza.nl/economy

Organizações fortes

2005 foi o primeiro ano do programa PPP. O outro subprograma, orientado para o programa NePAD, começou meio ano antes. Em seis países (Angola, Botswana, a República Democrática do Congo, Moçambique, Zâmbia e África do Sul) o NiZA empregou mais de 1,1 milhão de euros em apoio a actividades de trinta e nove parceiros. Na primeira fase, o NiZA dedicou-se especialmente ao reforço das organizações individuais. Ajudando-as a fazer planos estratégicos, a treinar actividades

Testemunha

‘Fomos visitar com trinta pessoas uma concessão florestal. Primeiro, duas horas num tronco oco, rio abaixo. Depois seguimos a pé pela floresta durante horas. O corte das árvores é trágico. Todas as vezes que se vê mais uma árvore gigantesca e centenária derrubada, dá vontade de chorar. Mas é bem compreensível que aqueles que não possuem quase nada aproveitem o que há. Só é pena que recebam uns dez dólares por árvores que rendem quinhentos dólares no mercado.’

Kirsten Hund, colaboradora do NiZA, sobre a sua visita à República Democrática do Congo.

de lobby e a recolher informações, possibilita-se que se tornem participantes fortes no processo de decisão sobre o NePAD e sobre a exploração das matérias-primas.

No Outono de 2005, os parceiros e o NiZA avaliaram os dois programas. A conclusão mais importante foi que sentiam a necessidade de mais actividades juntas, tanto a nível nacional como em toda a África Austral. Muitos dos problemas da região no seu todo são iguais para os países individuais. Como ilustração: algumas companhias de petróleo operam tanto na África do Sul como em Angola, e por isso a acção conjunta tem mais efeito. No último trimestre alguns parceiros já realizaram algumas actividades conjuntas. Nos próximos anos vão ser realçados o reforço das redes regionais, as pesquisas e os lobbies.

Redes fortes

O objectivo central do programa de Justiça Económica é a promoção de alianças mundiais. Em 2005 fizeram-se grandes esforços para relacionar a campanha europeia 'Fatal Transactions' mais fortemente com os parceiros do NiZA na África Austral. Um exemplo bem sucedido é a exposição 'Diamond Matters'. Graças aos esforços dos parceiros locais do NiZA, a exposição pôde ser vista em Angola, na República Democrática do Congo e na África do Sul (ver o parágrafo 3.4: Fatal Transactions).

Exemplos de actividades em 2005:

- Nas províncias angolanas Lunda Sul e Lunda Norte, ricas em diamantes, aplica-se uma lei especial na qual os direitos da população local foram postos de lado. A lei dá a alguns indivíduos a possibilidade de dominar completamente a extracção de diamantes. A intervenção, em nome deles, da polícia e das empresas de segurança contra a população é muito rigorosa. A corrupção, expropriação ilegal de terra, assassinio, agressão e detenções ilegais estão na ordem do dia. No início de 2005, o NiZA apresentou o relatório da investigação '**Lundas. The Stones of Death**', dos investigadores Rafael Marques e Rui Falcão de Campos. Foram distribuídos mil exemplares em Angola, e o relatório teve muita atenção da imprensa. Um grande jornal nacional dedicou um suplemento completo à questão. A pesquisa também recebeu muita atenção no resto da África Austral, Holanda e outros países europeus. O relatório foi descarregado umas mil vezes do website do NiZA.
- Os parceiros do NiZA na Zâmbia investigaram a **situação nas minas de cobre** e o comportamento social das companhias mineiras. O relatório estimulou o governo da Zâmbia a realizar uma pesquisa própria. Os parceiros usaram as informações do relatório em workshops. Deste modo, a população local foi informada sobre os seus próprios direitos face às grandes companhias.
- O NiZA, junto com a agência de pesquisa *SOMO* (fundação para o estudo de companhias multinacionais), a Universidade de Kwazulu Natal e organização parceira *groundWork*, desenvolveu um **programa de treino comum**. Neste programa, os participantes aprendem a recolher informações e a realizar pesquisa sobre companhias mineiras, com a colaboração de parceiros do NiZA pertencentes ao programa dos Media.

Oleodutos com fugas: a Shell em Durban

O petróleo pode ser uma fonte de enorme riqueza, mas a indústria do petróleo causa muitos problemas na África. Fomenta a guerra em Cabinda (Angola) e é muitas vezes uma fonte de corrupção. O NiZA é de opinião que o petróleo deve dar uma contribuição positiva para o desenvolvimento dum país.

Por isso, o NiZA apoia organizações na África do Sul que se dedicam aos problemas ambientais e de saúde nos arredores das refinarias locais da Shell. Na cidade sul-africana de Durban, a Shell e BP possuem a refinaria de petróleo Sapref. Esta fábrica é a maior da África Austral e causa muitos problemas para a zona em volta. Mais de 85 quilómetros de oleodutos antiquados, de onde escapa petróleo, passam pelos bairros e escolas de Durban e por debaixo deles.

O NiZA pede mais atenção para os interesses dos moradores vizinhos e trabalhadores no sector das matérias-primas. As organizações sociais devem poder sentar-se à mesa com a indústria e a política como parceiros de discussão, desde o nível local até ao internacional.

É por isso que o NiZA e Milieudéfensie [organização ambiental holandesa] organizaram em Junho uma visita de dez grupos de acção à assembleia de accionistas da Shell. Uma das organizações era groundWork, parceiro sul-africano do NiZA. Logo antes da reunião, os grupos de acção apresentaram um livro negro sobre os efeitos prejudiciais da gestão da Shell para o meio ambiente, os trabalhadores e os moradores vizinhos. Na reunião, groundWork entregou o 'Corpse Award' [Prémio Cadáver] ao presidente da direcção da Shell, Jeroen van der Veer. O 'Corpse Award' é um 'prémio' por medidas deficientes tomado por empresas contra a poluição das suas fábricas. Em seguida discutiu-se mais de duas horas sobre os problemas levantados. Acontecimento único na história da assembleia de accionistas da companhia petrolífera, a discussão despertou muita atenção nos media.

Em consequência desta acção, pessoas prejudicadas pela Shell vindas de todo o mundo falaram com Van der Veer em Dezembro. Naquela ocasião, Van der Veer prometeu melhorar o diálogo entre a companhia e os moradores vizinhos das instalações. Além disso, é preciso melhorar a execução das medições da emissão de poluentes nocivos. Quanto à fábrica em Durban, a Shell anunciou em Fevereiro de 2006 que os oleodutos antiquados seriam substituídos este ano. Assim, uma acção de muitos anos foi finalmente coroada de êxito.

Para mais informações, consulte www.groundwork.org.za

3.4 A campanha Fatal Transactions

'A liberdade pôs mãos à obra!' Foi com essas palavras que Joseph Bobia, colaborador dum dos parceiros do NiZA no Congo, resumiu a exposição fotográfica 'Diamond Matters'. Ao ver as fotografias de Kadir van Lohuizen, os mineiros congolese perceberam pela primeira vez a grande diferença entre os rendimentos do mesmo diamante para os africanos e os europeus.

Exposição fotográfica bem sucedida

A exposição, realizada em Setembro de 2005 no Congo, na cidade mineira Lubumbashi, recebeu doze mil visitantes durante uma semana. As fotografias mostram o longo trajecto percorrido por um diamante africano: desde a sua extracção nas minas da África, através de comercialização intermediária na Índia e na Bélgica, até aos ricos clientes na Europa e na América. Para muitos visitantes a exposição foi uma verdadeira revelação, como consta no livro dos visitantes (ver abaixo).

Uns meses antes, a 'Diamond Matters' tinha estreado em Amsterdão, no museu fotográfico FOAM. Depois, a exposição seguiu para Bruxelas. Por iniciativa do NiZA e da organização não-governamental West Africa Witness, a exposição também percorreu

a África do Sul, Angola, República Democrática do Congo, Serra Leoa e muitas vezes até as próprias regiões diamantíferas. Na África Austral, os parceiros do NiZA encarregaram-se da organização no local. A exposição provou ser um meio eficaz para incentivar o diálogo com as organizações governamentais e as grandes companhias mineiras, não somente para debater sobre a violação dos direitos humanos nas minas, mas também sobre a pobreza dos mineiros e da população local. Inspirado por 'Diamond Matters', um dos parceiros na RDC tirou uma série de fotografias sobre o trabalho infantil nas minas. Neste momento, ambas as exposições estão a viajar juntas pelo país.

Trechos do livro dos visitantes da 'Diamond Matters'

- *'Eu queria que os mineiros fossem ainda melhor informados sobre o valor verdadeiro do diamante.'* (Padre Lembe, do RDC)
- *'Enquanto não tivermos bons líderes, os diamantes provocar-nos-ão problemas.'* (anónimo; Serra Leoa)
- *'Foi muito instrutivo descobrir como nós estamos a perder as nossas riquezas sem melhorar a nossa situação, e a ajudar a Europa alcançar um alto nível de desenvolvimento.'* (S. Kargbo, de Serra Leoa)
- *'Obrigada por esta exposição, que ilustra eficazmente a minha carta de renúncia ao emprego na indústria diamantífera. Em primeira instância pensava que a situação não estava tão má, mas a verdade é essa ...'* (Masha, da Holanda)

A 'Diamond Matters' faz parte da campanha internacional 'Fatal Transactions' (Transacções Fatais). A exposição mostra que os recursos naturais, tais como diamantes, constituem muitas vezes um obstáculo para o desenvolvimento. 'Fatal Transactions' quer que a população já não fique prejudicada devido às suas próprias riquezas do solo. Todos os habitantes deveriam ter proveito dos recursos naturais do seu país. Diversas pesquisas mostram que existe uma relação evidente entre, por um lado, a guerra e os conflitos armados em países africanos e, por outro, a presença de recursos naturais nessas regiões onde se verificam os conflitos. Em cooperação com os parceiros do Sul, as organizações europeias que apoiam 'Fatal Transactions' consciencializam as autoridades governamentais, os consumidores e as companhias das consequências da sua atitude. A comercialização de recursos naturais deve contribuir para a paz e para o desenvolvimento, e não para conflitos e violação dos direitos humanos.

Em Outubro de 2005, 'Diamond Matters' ganhou o prémio fotográfico Dick Scherpenzeel, seguido pelos prémios da Associação de Jornalistas de Investigação (1º prémio) e – em 2006 – do World Press Photo (2º prémio na categoria 'temas actuais').

Quem gere as riquezas do solo no Congo?

Em Novembro de 2005 'Fatal Transactions' organizou, em colaboração com a Universidade Livre de Bruxelas, uma conferência internacional com o tema central: as riquezas do solo da República Democrática do Congo. O que é que elas podem significar para o desenvolvimento económico do país? E qual o papel que o novo governo deverá desempenhar nesta questão? Entre os mais de cem representantes provenientes da República Democrática do Congo e da Europa encontravam-se cientistas, jornalistas, empresas e funcionários e activistas de direitos humanos e ambientais.

A conferência foi útil. Os grupos sociais congolezes romperam o seu isolamento e celebraram acordos de cooperação. Para as eleições em 2006 estão programadas actividades em conjunto com jornalistas congolezes e activistas de direitos humanos. Para além de uma rede nacional e internacional reforçada, a conferência resultou também em recomendações concretas para o empresariado e os líderes políticos no Congo e na Europa.

O NiZA gere o secretariado e lidera a campanha internacional do 'Fatal Transactions' na Holanda. Encontram-se associadas as seguintes organizações: Oxfam Novib (Holanda), 11.11.11 e Broederlijk delen (Bélgica), Medico International (Alemanha) e Intermón-Oxfam (Espanha).

Para mais informações, consulte www.fataltransactions.org e www.diamondmatters.org

3.5 Programa Media e Liberdade de Expressão

A liberdade dos media na África Austral varia de país para país. Se bem que os media em muitos países consigam operar de forma independente, a liberdade de imprensa não é tão evidente em toda a parte. Além disso, os jornalistas frequentemente correm risco. Em 2005, verificaram-se nalguns países progressos na alteração de leis no domínio da liberdade de expressão e do acesso à informação. Em Moçambique foi elaborado o Anteprojecto da Lei sobre o Direito à Informação. Na Suazilândia, onde até 2005 nem existia uma constituição, foi aprovada a nova política sobre os media oferecendo aberturas para reformas de leis. Também em Angola foram apresentadas propostas para uma nova lei. Infelizmente, o Zimbabué constitui a excepção à regra. Durante 2005, o clima político e o dos media foi fortemente influenciado pela legislação extremamente restritiva.

O NiZA está convencido de que a liberdade de expressão é indispensável para uma sociedade democrática. O Programa de Media e Liberdade de Expressão incentiva os media independentes, os jornalistas e as organizações dos media a diversificar, tanto quanto possível, a oferta e o acesso à informação. O programa dedica-se ao melhoramento da liberdade de imprensa, da qualidade das notícias publicadas, do acesso à informação para todos os grupos da população e da viabilidade financeira das iniciativas dos media.

Nova fase

Em 2005 iniciou-se a segunda fase quadrienal do Programa de Media e Liberdade de Expressão. Em comparação com o período anterior, o programa reduziu o número de organizações parceiras de 40 a 27 parceiros fixos e sete organizações numa base de cooperação flexível. Também se reduziu o número de países, de todos os países da SADC a sete países: África do Sul, Zimbabué, a República Democrática do Congo, Namíbia, Angola, Moçambique e Suazilândia. Esta concentração aumenta a eficácia e a cooperação estrutural. Para além disso, o NiZA estimulará projectos regionais.

Nas actividades dos media apoiadas pelo NiZA, prestar-se-á atenção especial aos seguintes temas: novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), género, HIV/SIDA, combate à pobreza e promoção dos processos democráticos tais como eleições e alterações constitucionais.

As seguintes actividades realizadas em 2005 são ilustrativas para este novo rumo do Programa de Media e Liberdade de Expressão:

Obrigado

'A partir do dia em que recebi o rádio de corda, o horizonte da minha vida alargou-se.'

'O rádio salvou tanto a minha vida como a da minha comunidade.'

Trechos de cartas de agradecimento escritas por zimbabueanos que receberam um rádio de corda.

- Em 2005 foi implementado, com apoio financeiro do NiZA, o **African Media Barometer**. Este barómetro analisará anualmente a liberdade de imprensa em todos os países da África Austral. O projecto teve início em 2005 em Botswana, Suazilândia, Zâmbia, Quénia, Angola e Namíbia. O *African Media Barometer* é único no seu género, visto que se trata de auto-análise, que vai além da contagem do número de jornais num país ou do número de jornalistas detidos. Os investigadores também falam com pessoas provenientes dos media locais, das organizações sociais e do mundo científico. Com base nisso elabora-se, por cada país, um 'mapa da liberdade de imprensa'. Desta forma, as organizações dos media terão à sua disposição uma fundamentação fiel e baseada em factos para reforçar o seu lobby por reformas na imprensa.
- Um projecto importante no domínio de TIC é a **Highway Africa News Agency** (HANA). Esta agência de notícias foi fundada no fim de 2003 durante a primeira conferência das Nações Unidas sobre a Sociedade de Informação e a Tecnologia de Informação (WSIS). Desde aquela data, uma equipa de uns vinte jornalistas africanos está a seguir os desenvolvimentos internacionais na política de TIC e as consequências para a África. Por enquanto, HANA apenas opera nas grandes conferências de TIC, onde os profissionais recebem formação no local de trabalho ministrada por jornalistas africanos experientes. HANA faz reportagens no próprio local das conferências e também passa informações a outras agências de notícias e aos media internacionais. Para o futuro próximo pretende estar operacional durante todo o ano.
- Em 2005, a oferta de notícias no Zimbabué continuou a ser péssima. Devido às leis repressivas, os jornalistas e os media independentes mal podem fazer o seu trabalho. Por isso, o NiZA decidiu distribuir mil e oitocentos **rádios OC de corda** de alcance internacional – tanto nas zonas urbanas como nas rurais. Desta forma as pessoas ficaram informadas através do estrangeiro sobre a situação no seu próprio país. Na fase pré-eleitoral isso não era nenhum luxo. 'A partir do dia que recebi um rádio de corda, o horizonte da minha vida alargou-se', afirma um dos beneficiários. Esta iniciativa provocou muitas reacções positivas na Holanda e, assim, contribuiu para a divulgação da problemática verificada no Zimbabué. Além desta ajuda prática, os media no Zimbabué também precisam de soluções estruturais para dar nova vida ao fornecimento de notícias no seu país. Por isso o NiZA reuniu em Joanesburgo os representantes dos media do Zimbabué, da diáspora zimbabueana e das organizações doadoras. Durante três dias, discutiram novas ideias, trocaram informações e fizeram planos.
- O jornalismo de investigação é o parente pobre dos media africanos. Para além de ser um ramo muito caro, os jornalistas (e os seus chefes) muitas vezes não ousam dedicar-se a este tipo de jornalismo, nomeadamente nas situações de risco, tais como se verifica no Zimbabué. Alguns jornalistas dedicados à investigação reuniram-se em 2003 no **Forum for African Investigative**

Reporters (FAIR), para trocar experiências, ajudar-se uns aos outros, e colaborar em investigações. Com a ajuda do NiZA elaboraram um site de trabalho e um boletim informativo.

Em Setembro de 2005 foi organizada em Amsterdão uma conferência internacional sobre jornalismo de investigação. Graças ao apoio financeiro do NiZA, alguns jornalistas do FAIR puderam participar nesta conferência.

Quais foram as actividades do Programa de Media em 2005?

No Programa de Media foi dada prioridade a:

- O fortalecimento das capacidades de organizações parceiras e dos seus grupos-alvo no campo de, entre outras, jornalismo, TIC, marketing e vendas (por exemplo para as emissoras radiofónicas de pequena porte ou jornais), lobby;
- O exercício de influência sobre a política a respeito dos media e da liberdade de expressão, a nível holandês, europeu e africano;
- A cooperação com outros doadores no apoio aos media.

Os parceiros do Programa de Media planearam 134 actividades, 124 das quais foram executadas. Dez projectos não foram executados, devido a, entre outras, o contexto mudado (Zimbabué) ou a falta de capacidades do parceiro.

Para o programa de media dispunha-se de cerca de 2,5 milhões de euros para reforço de capacidade, pesquisa, troca de informações e lobbying. Isto resultou, entre outros, em centenas de participantes em cursos de jornalismo, radiotécnica, marketing e vendas. Os parceiros colaboraram na pesquisa sobre a situação dos media e sobre a legislação pertinente na região. Houve intercâmbio de perícia sobre a formação em jornalismo e sobre o empreendimento no sector dos media. Algumas organizações fizeram lobby intenso na Cimeira dos Chefes de Estado da SADC, assim como na Cimeira Mundial sobre a Sociedade de Informação (WSIS).

Para mais informações, consulte www.niza.nl/media

NiZA apoia a democracia com media independentes

Em 2006 a República Democrática do Congo vai às urnas para eleger um novo parlamento e um novo presidente. São as primeiras eleições livres desde cerca de quarenta anos.

O director Kizito Mushizi do Rádio Maendeleo no Congo Oriental, organização parceira do NiZA, afirma que o fornecimento de informação no país é deficiente. A seu ver, muitas pessoas estão mal ou muito mal informadas sobre as eleições, os partidos políticos e a situação no país. 'As pessoas devem estar informadas sobre as injustiças políticas, económicas e humanitárias. Sem aquela informação não há democracia e sem democracia não há paz.'

Existe, sim, uma necessidade de receber notícias e informações, afirma o director. Só que a quantidade e a qualidade deixam muitas vezes a desejar. A maioria dos jornalistas, como a maioria dos congoleses, não tem nenhuma experiência com eleições. Mesmo assim são eles que, em breve, devem informar o povo quem é que pode eleger, como tal deve ser feito, e quais são os candidatos. Sobretudo o seu papel no fornecimento de informação sobre as injustiças em torno das eleições reveste-se de enorme importância.

A fim de preparar devidamente os novos media, em Maio de 2005 mais de vinte colaboradores de emissoras de rádio participaram num curso financiado pelo NiZA em Bukavu, no leste do Congo. Os jornalistas aprenderam a fazer reportagens durante as eleições, a participar em conferências de imprensa e a procurar informação na Internet. Visto que as emissoras de rádio vão trocar via Internet os

assuntos relacionados às eleições, os profissionais também adquiriram aptidões para trabalhar no computador e na produção de rádio digital. Em Junho de 2006, durante as eleições, vão continuar com o curso.

Para mais informações, consulte www.maendeleo.org

3.6 Colaboração entre os programas

Dentro dos seus três programas temáticos, o NiZA colabora com cerca de cem organizações na África Austral. Além desta colaboração em temas o NiZA esforçou-se, tanto em 2005 como anteriormente, pela colaboração entre parceiros pertencentes ao mesmo país mas trabalhando em programas diferentes. Esta cooperação visa sobretudo o reforço da democratização.

Já em 2003 o NiZA tinha dado início à conjugação de forças em Moçambique e Angola. Em 2005, ampliou esta actividade para a República Democrática do Congo (RDC), Zimbabué e Suazilândia, nomeando também coordenadores para os países. Para estimular a comunicação e colaboração dentro do NiZA constituíram-se, ademais, grupos de trabalho para os países. O NiZA escolheu justamente estes cinco países por ter a convicção de que todos eles são países vulneráveis, onde a democratização ou encontra bastante oposição (Zimbabué e Suazilândia) ou é empreendida com muita cautela (Angola, Moçambique, República Democrática do Congo). É uma das razões porque o NiZA se esforça para evitar que o ministério e a União Europeia deixem que estes países desapareçam da agenda política.

Moçambique: democratização da sociedade

2005 foi o primeiro ano do novo governo liderado pelo presidente Armando Guebuza. Em virtude da sua promessa eleitoral de combater a pobreza e a corrupção, havia grandes expectativas. Que êxito teria a sua insistência em mudar a mentalidade de ‘desleixo’ dos funcionários – a mentalidade que propicia a corrupção e a burocracia? Em todo o caso, foi com muito fervor que alguns ministros ‘varreram’ as regalias que muitos altos funcionários costumavam usufruir desde há anos. O tempo mostrará se este dinamismo é efectivo ou, pelo contrário, contraproducente porque gera muita resistência. E qual é o conteúdo democrático deste novo governo? Quando foram conhecidos os relatórios definitivos de missões de observadores internacionais, foi difícil negar que a honestidade das últimas eleições deixou a desejar. Também a baixa afluência foi motivo de preocupação.

Em Moçambique, os parceiros do NiZA contribuem para a democratização da sociedade por meio de debates públicos, informações para cidadãos analfabetos, informação sobre direitos civis e lobbying, não só para o melhoramento da lei eleitoral mas também para o acesso a informações oficiais. Como parte do programa das eleições de 2005, constituiu-se uma plataforma de parceiros do NiZA e de outros grupos que se empenham de uma maneira ou outra por este ‘trabalho de democratização’. A plataforma foi criada no âmbito do programa PEPSA, dedicado explicitamente às condições para eleições livres e honestas.² Entretanto, a plataforma resultou num plano de actividades para os próximos anos e deu-se início à angariação de fundos.

² Ver também o parágrafo 5.2 PEPSA.

'Os críticos do governo continuam a serem detidos. A repressão sistemática do governo conduz inevitavelmente ao enfraquecimento das organizações civis. As milícias juvenis continuam a impedir-lhes o acesso a muitas regiões no Zimbabué para poder efectuar os seus programas de desenvolvimento. Os activistas estão entregues à mercê destas gangues, que podem, como parece, intimidar e atacar pessoas como quiserem. E se conseguirem escapar à violência das milícias, enfrentam um aparelho policial parcial.'
Abel Chikomo, da organização parceira do NiZA MMPZ, sobre a liberdade de expressão no Zimbabué.

A 25 de Junho, os trinta anos de independência de Moçambique foram celebrados numa festa grandiosa em Amsterdão, organizada pelo NiZA e

por um grupo de voluntários que tinham trabalhado em Moçambique. A festa foi bem concorrida com cerca de setecentos participantes. Além disso, o NiZA editou três publicações sobre Moçambique: um relatório crítico das eleições, uma publicação por ocasião do fim do protocolo de gemação entre Amsterdão e Beira, e uma retrospectiva da relação quarentenária entre a Holanda e Moçambique.

Angola: caminho longo para eleições

Quase três anos depois da guerra, Angola esperava finalmente poder realizar eleições. Porém, também não ocorreram este ano e agora a esperança está posta em 2006. Mas já existem, entretanto, várias redes eleitorais a nível da nação e da província, que se dedicam principalmente à informação eleitoral e ao treino de observadores.

No âmbito do programa eleitoral PEPSA, o NiZA promoveu a criação de uma plataforma angolana de organizações, a qual desenvolve actividades conjuntas para pavimentar o caminho para as eleições. Ainda há muito que fazer. Especialmente fora da capital, Luanda, os princípios da democracia (o acesso a informação, a liberdade de expressão e de reunião e as possibilidades para partidos opositores) ainda estão longe de ser instituídos. Soma-se a isso que a elite dirigente não presta contas a ninguém do que acontece com os rendimentos da exploração de petróleo e diamantes. Não se nota qualquer investimento social.

A plataforma PEPSA de organizações de desenvolvimento, grupos religiosos, grupos de activistas de direitos humanos e jornalistas quis conceber, em 2005, um plano de actividades para os próximos anos, mas isto não foi viável. Houve confusão sobre o valor acrescentado do programa PEPSA em Angola face às redes eleitorais já existentes, que competem entre si. Em 2006, o NiZA e os participantes mais envolvidos vão decidir se tem sentido continuar.

Zimbabué: procurar novas possibilidades

O Zimbabué era e é um país em crise.³ A repressão de organizações sociais continuou sem diminuir, também em 2005. Cinco anos passados, a repressão deixou marcas sensíveis na maioria das organizações parceiras do NiZA. Algumas foram proibidas ou tiveram problemas financeiros devido a uma proibição de apoio do estrangeiro. Detiveram-se, torturaram-se ou intimidaram-se colaboradores. Uns procuraram outro trabalho, outros fugiram do país.

O NiZA continua a apoiar dez parceiros na sua luta para um Zimbabué mais justo. Além disso, o NiZA, com a ajuda da Zimbabwe Watch (associação cooperativa de organizações holandesas) tenta manter o Zimbabué no centro da atenção internacional por meio de lobbies e informação. Em 2005, o NiZA também aplicou 50.000 euros do Fundo para a Democracia, quantia que foi destinada, entre outras, para uma

³ Ver também o parágrafo 5.3 Zimbabwe Watch.

inventariação das possibilidades existentes fora do país para activistas ameaçados, para a compra e distribuição de rádios de onda curta de alcance internacional e para manifestações na fronteira zimbabueana.⁴ Para 2006, foram reservados 125.000 euros para estas actividades, disponibilizados em parte por Hivos.

O NiZA habilita frequentemente organizações zimbabueanas a desenvolver em conjunto novas estratégias e actividades. Onde possível, o NiZA apoia novos planos. Em 2005, o NiZA também designou um coordenador para incentivar a colaboração entre parceiros e inventariar as iniciativas que ainda restam no Zimbabué. Já que muitos zimbabueanos fugiram do seu país, também se examinou como esta diáspora poderá ter um papel na luta pela liberdade no seu país.

A nível internacional, o NiZA examina como o governo holandês, a UE, as Nações Unidas e entidades africanas poderão exercer mais pressão sobre o presidente Mugabe. Os objectivos são, como sempre: o cumprimento dos tratados internacionais de direitos humanos, o direito à alimentação, ensino e cuidados de saúde, assim como a liberdade de expressão. Este lobby foi e continua a ser desenvolvido em colaboração com a Zimbabwe Watch.

República Democrática do Congo: a maldição da riqueza

Dois anos depois da assinatura do acordo de paz, a situação da República Democrática em 2005 continua a ser motivo de grande preocupação. Apesar do cessar-fogo e da instalação de um governo transitório em 2003, a ameaça duma guerra civil ainda paira no ar. A parte oriental do país continua a sofrer a violência de milícias armadas. Para 2006, estão previstas eleições. A grande pergunta é se a paz relativa poderá subsistir depois delas, ou se os conflitos rebentarão de novo.

A guerra foi motivada por interesses políticos mas também económicos. O Congo possui enormes riquezas minerais, que representavam o motivo dos encontros armados. Todas as partes combatentes tiraram proveito da anarquia que reinava, saqueando os recursos naturais.

Apesar da imensidão do país, das tensas relações políticas e do pouco interesse da Europa pelo país, o NiZA deu nos últimos anos um grande passo à frente na construção de relações com parceiros no Congo. Terminada a guerra, estabeleceram-se os primeiros contactos com organizações de jornalistas. Entretanto, o NiZA já colabora com sete organizações de parceiros, na área dos media e da responsabilidade social das empresas no sector das matérias-primas.

Em 2005, o NiZA designou um coordenador para a RDC, a fim de facilitar a integração entre diversas actividades dos parceiros do NiZA no país. Além disso, o coordenador consulta com outras organizações europeias activas na RDC e mantém os contactos com o Ministério das Relações Exteriores e a UE.

Em 2005, o NiZA, PANOS-França e alguns parceiros congolezes prepararam actividades para informar cidadãos sobre as próximas eleições e sobre assuntos de

⁴ Ver também o paragrafo 3.5 Programa Media e Liberdade de Expressão.

importância política, tal como o roubo de matérias-primas. Um aspecto importante destes planos é a colaboração entre organizações sociais que têm muito conhecimento da questão de matérias-primas e os media.

Suazilândia: levantamento de problemas e necessidades

A Suazilândia passa por uma crise humanitária, económica e política. O país tem mais de um milhão de habitantes e possui uma das percentagens mais elevadas de contágio de HIV/SIDA do mundo, 40 por cento. Existe muita pobreza e desemprego. No campo, há uma enorme escassez de alimentos devida a uma seca prolongada e más colheitas. O rei Mswati III governa com mão-de-ferro. A liberdade de expressão é restrita e os partidos políticos estão proibidos. A intervenção da polícia contra a oposição é rigorosa e a justiça não é independente.

Depois de um processo prolongado, adoptou-se uma nova constituição em 2005. A antiga constituição tinha sido abolida em 1973 pelo então rei, sem ser substituída por outra. A nova constituição foi redigida por uma comissão de que também faziam parte, originariamente, organizações sociais. Elas abandonaram a comissão em protesto, porque não tinham nenhuma influência. Segundo os críticos, a constituição confirma o grande poder do rei. E, segundo parece, o texto contém os direitos fundamentais mas estes são anulados por outros artigos.

As igrejas, organizações sociais e movimentos políticos realizaram grandes manifestações contra a constituição. No final de 2005 o regime contra-atacou, detendo membros do partido de oposição mais importante (e proibido), PUDEMO, por suspeita de envolvimento numa série de atentados bombistas. Segundo se afirma, os detidos foram brutalmente torturados.

Muitos doadores ocidentais estão a retrair-se da Suazilândia, não só por causa da inexistência de um governo democrático e da falta de transparência, como também porque consideram a Suazilândia um país insignificante no mapa mundial. Mas é precisamente a persistente crise política que leva o NiZA a examinar onde o empenho do NiZA pode fazer uma diferença. Conversou-se com cerca de quinze organizações sociais e com os media, a fim de inventariar os seus maiores problemas, necessidades e possibilidades. Estas conversas continuam em 2006.

O NiZA também financiou um workshop estratégico para a organização de jornalistas *Swaziland National Association of Journalists (SNAJ)*. Esta organização tinha estado envolvida na constituição de um Conselho de Jornalismo, mas tinha problemas internos e estava embaraçada quanto ao seu papel no sector de media na Suazilândia. Consequentemente, a SNAJ não estava capaz de desempenhar um papel significativo neste processo. Assim, receava-se perder uma oportunidade única para criar um mecanismo de controlo auto-regulador, portanto não dirigido pelo governo, para os media. Durante o workshop, abordou-se a crise interna da SNAJ e reiniciou-se a constituição do Conselho de Jornalismo.

3.7 Análise de risco

Como se vê, o trabalho do NiZA e especialmente das organizações parceiras não é sem risco. O NiZA apoia muitas organizações que são vistas como uma ameaça pelo seu governo. Os colaboradores de organizações parceiras são muitas vezes vítimas de intimidação e detenção, e às vezes também sofrem violência. Especialmente uma organização que se mostra activa no lobbying e em campanhas pode sofrer forte repressão por parte do governo. Vários governos também tentam usar a lei para reduzir o espaço de manobra das organizações sociais, por exemplo impondo exigências ao financiamento estrangeiro e ao registo.

Estas circunstâncias reduzem as possibilidades dos parceiros de fazerem o seu trabalho. Ao mesmo tempo, estas circunstâncias evidenciam que continua a ser preciso insistir nos direitos humanos, no direito à informação e na necessidade de transparência no sector das matérias-primas. A este respeito, é muito importante que o NiZA seja flexível e mantenha contactos regulares com os parceiros, e que forneça informações sobre medidas de segurança práticas para activistas de direitos humanos, por meio do Programa de Direitos Humanos do NiZA.⁵

Outro risco que ameaça a efectividade do trabalho do NiZA e dos parceiros é a pandemia de HIV/SIDA, que mina as estruturas económicas e sociais e enfraquece assim os esforços pela democratização. As organizações parceiras perdem colaboradores e, com eles, conhecimentos, contactos, memória institucional e por vezes também motivação. Em resposta, o NiZA apoia as organizações parceiras na construção duma organização sólida no que diz respeito a finanças, estratégias, pessoal e gestão. Este apoio constitui grande parte das despesas feitas pelo NiZA na África Austral.

Um risco doutra ordem é que o NiZA e os parceiros trabalhem por objectivos cujos progressos e resultados não se notam de imediato. Uma África Austral democrática, no sentido amplo da palavra, não é uma questão de anos, mas de décadas ou até mais. Igualmente, os resultados intermediários nem sempre são visíveis para o público. O lobby para uma lei melhor ou para o cumprimento sério duma lei talvez só tenha êxito depois de muitos anos. Entretanto, escrevem-se cartas, realizam-se conversas e estabelecem-se novos contactos, mas muitas destas actividades ocorrem nos bastidores. O que se vê são os jornalistas que realizam melhor o seu trabalho após serem treinados, assim como os assistentes jurídicos e os informadores sobre direitos humanos. O que se vê também são os relatórios de pesquisa sobre o saque de matérias-primas e a atenção dos media.

O risco corrido pelo NiZA consiste em não atender a demanda do público (e de políticos) por resultados imediatos que se podem medir. A resposta formulada pelo NiZA consiste, por um lado, em chamar a atenção para as injustiças na África Austral e para o que as nossas organizações parceiras fazem para as combater na prática diária. Por outro lado, o NiZA empenha-se para introduzir um sistema de avaliação que dê uma imagem não só da quantidade do nosso trabalho, como também da sua qualidade.

⁵ Ver o parágrafo 3.1

4 Actividades na Holanda e na Europa

HIV/SIDA, guerras, fome e corrupção. Quando se trata da África, são principalmente estes tópicos que aparecem nos media. ‘África’ arrisca a tornar-se um assunto cansativo. O NiZA tem como um dos seus objectivos cuidar que a África não seja esquecida, fornecendo informação equilibrada e sugestiva e chamando atenção não só para os desenvolvimentos preocupantes como também para o vigor do continente.

O NiZA considera como um dos seus objectivos recolher constantemente informações sobre a África Austral, analisando-as e divulgando-as entre diversos grupos-alvo. A secção de Comunicação tem tido um grande papel nestas actividades. O centro *BIDOC* (biblioteca e centro de informação e documentação), a revista *ZAM* e a secção de lobby também têm trabalhado muito para informar o público, os políticos e a imprensa. Desta maneira, o NiZA reforçou o seu nome como centro de conhecimentos sobre a África Austral.

Actividades como o prémio ‘Tese de Licenciatura’, o ‘Anuário Vivo’, a Conferência Mandela, a campanha ‘África constrói’, artigos e publicações chamaram a atenção do público para a situação política e social na África Austral.

Porém, na Europa o NiZA não pretende somente divulgar informações e influenciar a opinião pública. Na visão do NiZA, as mudanças necessárias na África Austral dependem, entre outras, das políticas e medidas de países ocidentais. Com as suas próprias análises, relatórios (jornalísticos) de pesquisa e contactos com a imprensa, o NiZA e as organizações parceiras no Sul reforçaram a sua posição como lobbyistas face aos responsáveis políticos na Europa.

As secções dedicadas às actividades na Holanda e Europa foram reunidas sob uma só pessoa, o chefe da secção de Actividades Europeias. Isso vem em benefício do lobby europeu do NiZA e os seus parceiros, além de facilitar o desenvolvimento de linhas de acção e o trabalho sob a forma de projectos.

Houve também diversas actividades para divulgar ainda mais o nome do NiZA, informar doadores e possibilitar a angariação de fundos. Estas actividades garantem a implantação sólida do NiZA na sociedade e o apoio material e financeiro às actividades do NiZA.

4.1 Comunicação e informação

África constrói

Em 2005 foi dado o sinal de partida para a campanha ‘África constrói e o NiZA ajuda a construir. Empenham-se na construção de democracia, liberdade e respeito pelos direitos humanos.’ Esta campanha sobre democratização representa o caminho construtivo adoptado pela África depois de décadas de guerra e repressão. Os africanos empenham-se, com altos e baixos, na construção dum futuro livre para todos.

A campanha ‘África constrói’ concentra-se regularmente num outro país da África Austral. Na primeira metade de 2005 foi a vez do Zimbabué e na segunda metade a atenção voltou-se para a República Democrática do Congo.

Campanha bem sucedida sobre o Zimbabué

Na véspera das eleições controversas no Zimbabué, o NiZA realizou uma campanha pública sob o lema ‘De que valem eleições se não há nada a escolher?’ Esta campanha incluiu um anúncio de rádio, cartazes para a eleição de partidos imaginários nas grandes cidades da Holanda e uma campanha de assinaturas para dois activistas de direitos humanos ameaçados. A campanha aumentou bastante o interesse pelo Zimbabué nos media e deu motivo a perguntas de jornalistas ao NiZA. Em duas semanas, duas mil pessoas assinaram a petição. Cerca de cinquenta peritos e jornalistas visitaram um programa nocturno no centro cultural De Rode Hoed. O número de doadores que atenderam ao apelo do NiZA para apoiar a democracia do Zimbabué excedeu as expectativas: o NiZA recebeu 56.231 euros para o Fundo para a Democracia no Zimbabué, mais do que 6.000 euros acima do que se esperava. Além disso, o NiZA recebeu muito mais doações espontâneas.

A receita foi destinada para algumas organizações parceiras que lutam por media independentes e pela denúncia de violação de direitos humanos no seu país, tal como *The Zimbabwean*, um jornal independente criado por jornalistas zimbabueanos no exílio. Graças a dinheiro provindo deste fundo, o jornal pôde ser distribuído no próprio Zimbabué. A organização de direitos humanos *National Constitutional Assembly (NCA)* usou o dinheiro do fundo para organizar debates públicos sobre as eleições e informou as pessoas sobre os seus direitos básicos democráticos.

África em destaque

Mas não era só o Zimbabué que estava na ordem do dia em 2005. O NiZA também organizou muitas actividades para chamar a atenção por países que não aparecem tantas vezes nos media. Diversos grupos, desde doadores até peritos, podiam escolher entre uma variedade de eventos. Alguns exemplos do ano passado:

- No Outono, o NiZA organizou, com a ajuda financeira de Hivos e ‘STOP AIDS NOW!’ e com o empenho de vinte voluntários, o ‘**Anuário Vivo**’ da **África Austral**, um serão realizado todos os anos e repleto de debates e entrevistas com convidados (africanos). Por ocasião das importantes eleições em 2006, a República Democrática do Congo esteve no centro da atenção. O convidado principal, Kizito Mushizi, director da emissora de rádio Maendeleo, contou como tinha diariamente que dançar na corda bamba entre o desejo de fornecer notícias e a necessidade de manter boas relações com as autoridades e os grupos de rebeldes. Também prestou atenção ao papel prejudicial que as matérias-primas desempenharam na guerra civil. Cerca de duzentas e cinquenta pessoas assistiram ao serão;
- No ‘**dia da África**’ da fundação Evert Vermeer, o NiZA realizou dois workshops para cem participantes sobre a informação de eleitores em Malawi e o comércio ilegal de matérias-primas. O dia da África foi visitado por um total de mil pessoas;

- Junto com o fundo Prins Claus, o NiZA fez uma entrevista pública com o **cartoonista sul-africano Zapiro**. Um trezentas pessoas ouviram o vencedor do prémio Prins Claus. Além disso, o NiZA organizou um workshop com Zapiro para vinte cartoonistas holandeses;
- Moçambique e Angola celebraram em 2005 o facto de se terem tornado independentes de Portugal há trinta anos. Por essa ocasião, o NiZA organizou **duas noites de festa** para um total de mil convidados. As duas festas não teriam sido possíveis sem o grande empenho de muitos voluntários que ou vinham da África, ou tinham lá trabalhado como cooperantes holandeses para o desenvolvimento;
- Mais de quatro mil pessoas visitaram a **exposição de fotografias *Moving in Time***, sobre dez anos de democracia na África do Sul. Esta exposição do fotógrafo George Hallett pôde ser realizada em Zwolle com o apoio do NiZA;
- Em Setembro, cento e vinte estudantes assistiram à ‘noite da África Austral’ na universidade de Utrecht. Depois de um vivo debate entre estudantes, foi conferido o prémio ‘**Tese de Licenciatura**’ do NiZA por Diederik Samson, membro do parlamento, e as pessoas presentes puderam obter informações sobre estágios e pesquisa na África Austral;
- Pelo terceiro ano consecutivo, jovens holandeses puderam tomar parte num **workshop de rap e num curso de lições sobre HIV/SIDA na África Austral**. Participaram mais de mil e oitocentos alunos do ensino secundário.

Durante todo o ano, o NiZA esteve presente em **festivais** de todo o tipo, entre os quais ‘Let’s meet Africa’ em Eindhoven e ‘Full Colour Festival’ em Emmen. Nestas ocasiões, o NiZA apresentou o trabalho dos seus parceiros com o objectivo de entusiasmar novas pessoas. Estas actividades serão continuadas e desenvolvidas em 2006.

Tesouro digital e outros canais de informação

No decorrer dos anos, coligiu-se um ‘tesouro’ de informações e relatórios sobre a África Austral no website www.niza.nl. Neste momento, o site inclui uns novecentos relatórios em formato pdf e converte-se cada vez mais no irmão digital da biblioteca do NiZA. Diariamente descarregam-se cinquenta ficheiros pdf do website. Em todo o ano de 2005 o site teve 123.000 visitantes.

O NiZA faz honra ao nome que tem como centro de conhecimento sobre a África Austral, também como fornecedor de informação pelos canais tradicionais de imprensa e como editor de publicações para um público diverso.⁶ Em 2005 o NiZA soube interessar frequentemente os media por relatórios reveladores e por entrevistas com os seus convidados da África Austral. Assim, nos jornais nacionais apareceu duas vezes um artigo de página inteira sobre a advogada zimbabueana Beatrice Mtetwa. É evidente que a imprensa se dedicou muitas vezes às eleições no Zimbabué: colaboradores do NiZA deram análises e comentário por meio de jornais (dez vezes), rádio (onze vezes) e televisão (três vezes).

Também a exposição ‘Diamond Matters’, com fotografias de Kadir van Lohuizen, obteve muita atenção da imprensa: reportagens fotográficas no semanário holandês Vrij

⁶ Ver o anexo para um resumo de publicações de 2005.

Nederland, entrevistas extensivas na Rádio 1 da Holanda e vários artigos em diários nacionais.

Visitantes do site do NiZA mostraram grande interesse pelo relatório sobre as violações dos direitos humanos nas províncias diamantíferas de Angola. Em 2005, a publicação 'Lundas. The Stones of Death' foi descarregada mil vezes do site.⁷

Teólogo islâmico faz a Conferência Mandela

A 20 de Maio o NiZA organizou pela segunda vez, junto com Hivos, a Conferência Mandela. A igreja Nieuwe Kerk em Amsterdão estava cheia de ouvintes quando o teólogo islâmico Farid Esack, da África do Sul, fez uma palestra inspiradora sobre 'reconciliação depois do 11 de Setembro'. Prestou muita atenção à tendência existente de pensar em termos de 'inimigos' entre holandeses 'autóctones' e islamitas. Segundo Farid Esack, o slogan antiapartheid 'injustiça contra um é injustiça contra todos' poderá fazer voltar a serenidade no clima frio de hoje. Além de Farid Esack também falou o vereador de Amsterdão Ahmed Aboutaleb, conhecido pelo seu empenho para melhores relações entre islamitas e não-islamitas. Aboutaleb salientou a importância de bons líderes para todas as partes envolvidas na reconciliação. Os líderes não são capazes de mudar os factos, mas podem alterar a percepção. O Volkskrant publicou a palestra inteira.

Para mais informações, consulte www.niza.nl/mandelalecture

Para mais informações, consulte www.niza.nl/publications

ZAM: inovação bem recebida

A revista trimestral do NiZA, 'Zuidelijk Afrika Magazine' (ZAM) sofreu no último trimestre de 2005 uma metamorfose profunda, necessária para aumentar a acessibilidade da revista para novos leitores. Reforçando o conteúdo, a ZAM tenta atrair novos leitores com um novo tom, apresentação de imagens e escolha de assuntos. A empresa Curve Vormgevers redesenhou a revista gratuitamente. Em 2005, o NiZA esforçou-se por esta inovação e por uma campanha de promoção correspondente. Como editor o NiZA pretende aumentar o número de leitores em 15 por cento em 2006.

No diário Volkskrant, a ZAM inovada foi muito bem acolhida como uma revista que defende uma opinião contrária à dos derrotistas que consideram a África como um continente perdido. Além disso, a opinião da revista não tem um tom moralizante. Como escreve o crítico Jan Zandbergen, a ZAM não quer 'preocupar-se com toda a miséria do mundo e condenar todos aqueles que não se indignem também.' Ele conclui que a ZAM escolheu um terceiro caminho: atraente 'para pessoas que reconhecem a beleza e o potencial do continente, mas que não fecham os olhos aos defeitos. Essas são as pessoas que admitem que os problemas, relações de forças e estruturas são tão complicados que não existe uma solução instantânea.'

No ano passado a ZAM apareceu diversas vezes nos media nacionais. Fizeram-se mesmo perguntas no parlamento holandês em reacção a um artigo sobre a afirmação enganosa do médico alemão Rath que a SIDA pode ser combatida com os seus suplementos de vitaminas. Em resposta a perguntas de Kees Vendrik (do partido de esquerda GroenLinks) o ministro de Saúde Pública, Hoogervorst, mostrou-se disposto a pensar em investigar o conteúdo dos websites holandeses de Rath, que distribui os seus preparados desde a cidade de Almelo.

⁷ Ver também o parágrafo 3.3 Programa de Justiça Económica.

4.2 Angariação de fundos

Simpatizantes ficam fiéis ao NiZA

O número de pessoas que apoia o NiZA (21.461 em 2005) manteve-se razoavelmente estável em comparação com os anos passados. Mais ou menos a metade deste grupo recebe um pedido de doação quatro vezes por ano. Também em 2005 ficou evidente que os simpatizantes do NiZA trazem a África Austral no coração. Em resposta a uma campanha sobre o Zimbabué, chegaram muitas doações espontâneas para o Fundo especial para a Democracia no Zimbabué. E o grupo fiel de doadores deu mais do que tinha dado por ocasião de outros pedidos.

O NiZA tem um grande apreço pelos doadores, não só porque dão apoio financeiro mas também porque contribuem para a base de apoio à cooperação para o desenvolvimento na Holanda. Além disso, legitimam a existência do NiZA. É compreensível, portanto, que o NiZA goste de dar uma retribuição. Por exemplo, os doadores recebem quatro vezes por ano um boletim informativo e também recebem bilhetes de entrada grátis para eventos públicos do NiZA, tal como o 'Anuário Vivo'. Além disso, os doadores recebem ofertas especiais (de livros) e no caso de grandes doações recebem cartas de agradecimento pessoais acompanhadas dum pequeno presente.

O NiZA tem em conta os desejos dos doadores, por exemplo o número de vezes que querem receber correio. Em 2005, o NiZA recebeu dez queixas, que foram tratadas a contento de todos. Além disso o NiZA recebeu e respondeu a 275 telefonemas e 795 cartas e e-mails, referentes em geral a alterações administrativas como fazer ou cancelar uma assinatura da revista *ZAM*, e autorizar ou cancelar uma cobrança automática.

As doações diminuem um pouco

Em 2005, o NiZA recebeu quase 26.000 doações para o seu fundo geral, incluindo doações espontâneas, transferências periódicas e doações por meio duma escritura notarial ou testamento. São 1.500 menos do que no ano passado. O montante total para o fundo do NiZA, incluindo as doações para o Zimbabué, resultou em 414.642 euros, o que é 5 por cento menos do que em 2004.

4.3 Biblioteca e centro de informação e documentação

Tornar acessível a informação e documentação actual e histórica sobre a África Austral. Este é o objectivo do *BIDOC* (biblioteca e centro de informação e documentação) do NiZA. O grupo-alvo inclui estudantes, jornalistas, alunos, pesquisadores, peritos e os próprios colaboradores do NiZA. O número de visitantes externos do BIDOC ficou estável, assim como o número das perguntas por telefone ou e-mail. Dos impressos preenchidos pelos visitantes consta que estão muito satisfeitos com a colecção e a prestação de serviços. As páginas de web sob gestão do BIDOC contêm quase mil publicações e representam um valor substancial e duradouro.

Colecção aumentada

Cada ano, os três colaboradores efectivos conseguem aumentar bastante a colecção. O catálogo da biblioteca cresceu de novo em 2005, com três mil registos novos. O número total de registos é agora mais de vinte mil. Duas vezes por ano, o multinacional de

informação National Inquiry Services Centre - Zuid-Afrika (NISC-ZA) grava o catálogo da biblioteca do BIDOOC em dois CD-ROMs de compilação distribuídos internacionalmente, que contêm bases de dados sobre a África. Bibliotecas de outros países contribuem também com os seus dados para estes CD-ROMs.

A colecção total do BIDOOC será acessível por meio do website em 2006, com um atraso de um ano. A quantidade de vídeos foi aumentada até mais de novecentas fitas, entre outras graças a uma doação do Missionair Centrum, um centro missionário em Heerlen (entretanto suprimido). Além de livros, vídeos, fotografias e documentação o BIDOOC tem 175 assinaturas de revistas publicadas na África Austral ou sobre esta região.

A cada ano, o BIDOOC compõe dossiers para quem se quer familiarizar rapidamente com um assunto actual através de leitura. Em 2005 foi actualizado o dossier já existente sobre HIV/SIDA no Sul da África.

O Arquivo no centro das atenções

O interesse pelo material de arquivo e documentação do BIDOOC provindo do período da luta contra o colonialismo e apartheid cresce cada vez mais, na Holanda mas também na África Austral. A BIDOOC doou à grande base de dados de Internet da organização americana Ithaka dezenas de publicações solicitadas sobre a história da luta de libertação na África Austral. Além disso, colocaram-se no website do arquivo americano African Activist Archive as imagens de trezentos *buttons* sobre a luta antiapartheid, a colecção completa do NiZA.

O BIDOOC colabora de vários modos com bibliotecas e arquivos da Europa e África Austral. Terminou-se em 2005, junto com o Arquivo Histórico em Maputo (HAM), uma publicação sobre a relação entre a Holanda e Moçambique. O livro foi distribuído amplamente em Moçambique. Já antes os bibliotecários mandaram muitas fotografias, posters, filmes e vídeos para o HAM. Além disso, doaram-se seiscentos livros (duplicados) a umas vinte bibliotecas, centros de documentação e parceiros do NiZA na África Austral.

Para mais informações, consulte www.niza.nl/library

4.4 O clima político em Haia e na Europa

Promessa por cumprir: erradicar a pobreza

O ano de 2005 esteve sob o signo dos objectivos do Milénio. Quais os progressos realizados pelas Nações Unidas (ONU), que combinaram há cinco anos que iriam, entre outras coisas, reduzir a pobreza à metade até 2015? Na véspera da Assembleia-geral da ONU em Setembro, a série mundial de concertos de música pop Live consciencializou 8 milhões de pessoas da necessidade de combater a pobreza.

Na Holanda, uma plataforma de organizações, entre as quais o NiZA, organizou a grande campanha pública 'Promessa por cumprir: erradicar a pobreza!' Esta plataforma em favor dos objectivos do Milénio também exerceu muita pressão junto dos políticos holandeses, para que cumprissem as suas promessas e voltassem de Nova Iorque com resultados concretos.

Porém, na Cimeira da ONU em Setembro não foram feitos acordos vinculativos sobre a anulação das dívidas e o aumento da ajuda de desenvolvimento.

As regras aqui são as regras ali

Condições como democracia, respeito pelos direitos humanos e um desenvolvimento económico justo são de grande importância para realizar os objectivos do Milénio. O NiZA continua a salientar este facto no seu trabalho de lobby. É por isso que o NiZA também propaga, tanto em Haia como na Europa, a responsabilidade social na indústria das matérias-primas na África. Muitas das medidas existentes são pouco vinculativas e o NiZA argumenta constantemente a favor de uma regulamentação e manutenção mais rigorosa das regras.

A premissa básica do NiZA é que, fora da Europa, companhias europeias como a Shell devem comportar-se como no seu próprio país. Depois de acções de parceiros sul-africanos do NiZA, a companhia de petróleo iniciou, entretanto, a substituição da aparelhagem antiquada. É um sucesso, mas para evitar que tais coisas tenham que ser contestadas uma por uma, o NiZA mantém o seu apelo por regras vinculativas.⁸

Também em 2005 Angola ficou – parcialmente graças aos esforços do NiZA – fora da vice-presidência da Conferência Internacional de Kimberley. Esta conferência empenha-se pela eliminação do comércio ilegal de diamantes. A candidatura de Angola enfrentou muita resistência. A pesquisa publicada pelo NiZA, ‘Lundas. The Stones of Death’, mostra que o governo angolano viola os direitos humanos em grande escala nas províncias ricas em diamantes.⁹ Isto faz com que Angola seja totalmente inapta para ser designada como um dos fiscais das normas de Kimberley. Por fim, a Comissão Europeia obteve a vice-presidência para 2006. No próximo ano, ela será promovida automaticamente a presidente.

⁸ Ver também o parágrafo 3.3 Programa de Justiça Económica.

⁹ Idem.

5 Colaboração

O NiZA está empenhado em mudanças de carácter estrutural para as quais são necessárias, entre outras, alterações nas linhas políticas dos países na África, na Europa e também na Holanda. Para operar com efectividade é mais do que necessário colaborar, e por isso o NiZA se aplica na divulgação de contactos e conhecimentos da maneira mais eficiente possível, e segundo as formas mais diversas.

O NiZA estabelece o contacto entre os seus parceiros e estimula a colaboração mútua. Isto parece mais lógico do que na realidade é: em democracias jovens tais como são Angola e Moçambique, as organizações sociais operam muitas vezes isoladamente. Os contactos com organizações fraternas noutros lugares são limitados. Graças à intervenção do NiZA os activistas meio-ambientais de Angola e da Zâmbia encontraram-se em 2005 com activistas da África do Sul. Eles falaram sobre a possibilidade de entajuda na luta contra companhias mineiras poluidoras nos seus respectivos países. Muitas vezes estas são empresas filiadas da mesma sociedade mãe.

O NiZA procura também colaboração na Holanda e na Europa, e o trabalho em conjunto com outras organizações em vários projectos é nalgumas vezes único, noutras é estrutural.¹⁰ Os contactos com organizações parceiras na África Austral dão projecção ao NiZA perante organizações na Europa.

Também por iniciativa do NiZA foi criado a Zimbabwe Watch em 2001: uma aliança entre as principais organizações holandesas que operam no Zimbabué e que pretendem desta maneira fortalecer o lobby em Haia e Bruxelas.

Em 2005 o NiZA estabeleceu um acordo estrutural de cooperação com o Hivos. E em 2006 iniciam-se as negociações para a colaboração com a Action Aid International.

Neste capítulo salientam-se quatro alianças estruturais:

- Aliança com o Hivos;
- Programa eleitoral PEPSA;
- Zimbabwe Watch;
- South African-Netherlands Research Programme on Alternatives in Development.

Os dois últimos estão sedeados no escritório do NiZA.

5.1 Hivos

Para reunir forças o NiZA e o Hivos, organização para o desenvolvimento, estabeleceram em Maio um acordo para incrementarem a colaboração em diversas áreas. O NiZA e o Hivos complementam-se muito bem. O NiZA oferece capacidade construtiva em pequena escala, orientada para as necessidades. Os parceiros comentam regularmente que a capacidade desenvolvida pode ser melhor aplicada se os seus projectos forem ampliados. Contudo o NiZA não proporciona grandes subsídios para

¹⁰ Ver o anexo Redes de contactos e colaboração.

projectos, mas o Hivos sim. Através da colaboração, o Hivos e o NiZA esperam incrementar o efeito das suas actividades e aumentar o seu alcance.

Durante os próximos anos o Hivos e o NiZA irão apoiar de forma recíproca o seu trabalho na África Austral e iniciar em conjunto novas actividades. Trabalham também em conjunto nos campos do lobby e da publicidade na Holanda e na Europa. Em 2005 isto resultou na execução de actividades conjuntas tal como aconteceu no Zimbabué, no melhoramento das condições sob as quais as eleições foram realizadas (ver a seguir: PEPSA). O Hivos contribuiu também para o Fundo para a Democracia, especificamente no Zimbabué.¹¹ Em 2006 este fundo do NiZA e Hivos dispõe de 125.000 euros para projectos a serem realizados a curto prazo, como por exemplo acções nos media e reuniões. Na Holanda o Hivos contribuiu também para a Conferência Mandela e o 'Anuário Vivo'. Este apoio será continuado em 2006.

Para mais informações, consulte www.hivos.nl/english

5.2 PEPSA: Construir a base para eleições

A democracia não se limita à marcação de eleições. O resultado das votações revela muitas vezes pouco sobre a vontade dos eleitores. Nalguns países as eleições são já de antemão manipuladas através de intimidação e violência praticadas contra os partidos da oposição, contra os meios de comunicação social e outras fontes de crítica. Isto aconteceu por exemplo no Zimbabué em 2005. Mas mesmo depois de ter passado a febre eleitoral a liberdade de escolha dos cidadãos não é grande coisa. Sobretudo no interior há falta de jornais e emissoras de rádio, e para além disto, as notícias disponibilizadas são muitas vezes parciais.

Sem condições como por exemplo o acesso à informação e a liberdade de expressão e de organização as eleições jamais serão honestas. Para contribuir para o melhoramento destes ingredientes básicos essenciais para eleições democráticas o NiZA uniu-se em 2004 ao Hivos, ao MISA (Media Institute of Southern Africa), ao EISA (Election Institute for Southern Africa) e à OSISA (Open Society Initiative for Southern Africa). Sob a designação de PEPSA (Preconditions for Elections Programme Southern Africa) realizam-se durante os próximos anos actividades em Angola, na República Democrática do Congo, em Moçambique, na Suazilândia e no Zimbabué. Estas actividades centralizam-se à volta da colaboração entre media e grupos sociais e também da colaboração entre os diferentes países.

Legislação eleitoral

Em 2005 foram estabelecidos planos de acção nos cinco países atrás nomeados para o melhoramento da informação prestada aos cidadãos sobre as eleições (*educação cívica*), e sobre o papel que os media e as organizações sociais podem desempenhar. Em 2006 são executados os planos de Moçambique, Zimbabué e Congo.

¹¹ Ver o parágrafo 3.6 (Zimbabué).

Em Junho PEPSA realizou um encontro para políticos e organizações sociais da África Austral sobre o melhoramento de processos democráticos nos seus próprios países. Nesta reunião a questão central foi se os países SADC cumpriram na prática as regras eleitorais com as quais tinham concordado mutuamente. Outro objectivo desta conferência foi a troca de informação entre os representantes dos diferentes países. A reunião trata cada ano um assunto diferente respeitante a eleições e a processos de democratização na África Austral.

Durante a conferência foi apresentado um estudo que PEPSA tinha encomendado. O relatório do estudo 'Outside the ballotbox' (De fora da urna de voto) revelou em que condições se encontram as regras eleitorais e a democracia nos países da África Austral. Este relatório teve uma edição de mil exemplares, distribuídos entre organizações sociais e media que se empenham no processo de democratização.

A meio de 2005, o EISA e a OSISA retiraram-se da direcção do programa PEPSA para dedicarem mais tempo aos seus próprios estudo e lobby. A colaboração com o MISA, o Hivos e o NiZA é continuada, entre outras formas à volta da realização da conferência anual.

5.3 Zimbabwe Watch

O ano de 2005 não trouxe qualquer alívio para os habitantes do Zimbabué. Os indicadores económico-sociais desceram mais ainda e no que respeita à situação dos direitos humanos não se verificaram melhoramentos. O Zimbabué teve a maior inflação do mundo com um máximo de 600 por cento. O número de casos de violência política registados foi maior que nunca desde 2001 – ano em se iniciou o registo deste tipo de violência. E mais de três milhões de pessoas estiveram dependentes da ajuda alimentar durante a 'estação da fome', de Outubro até Fevereiro. A politização das instituições governamentais foi intensificada ao mesmo tempo que uma séria luta pelo poder no interior do partido da oposição MDC conduziu a uma cisão.

A gravidade desta situação justifica a existência da Zimbabwe Watch. Esta coligação independente de organizações holandesas tenta manter o Zimbabué na agenda política nacional e internacional. Por meio de lobby e defesa dos interesses nacionais a Zimbabwe Watch, em colaboração com organizações africanas, contribui para a reconstrução de um Zimbabué democrático que respeita a ordem jurídica internacional e nomeadamente os direitos humanos.

Eleições roubadas

Na primeira parte de 2005 a Zimbabwe Watch concentrou-se nas eleições parlamentares de Março. Por meio de lobby a Zimbabwe Watch tratou para que pelo menos as exigências mínimas para a realização de eleições livres fossem respeitadas por Zimbabué. Estas exigências foram adoptadas conjuntamente por todos os países da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral. Mas o governo somente louvou estas exigências e depois impossibilitou o desenrolamento honesto do processo eleitoral.

A Zimbabwe Watch atraiu por diversas formas a atenção do público em geral, dos media e dos responsáveis políticos na Europa. A rede de contactos organizou pouco antes das eleições um debate público na Holanda. O coordenador e os convidados de Zimbabué deram muitas entrevistas aos meios de comunicação social e forneceram material mediático exclusivo a diferentes estações televisivas e agentes de imprensa.

A Zimbabwe Watch realizou também várias reuniões de lobby e apoiou manifestações ‘Border to Border’ (De fronteira a fronteira) promovidas por organizações internacionais e Sul-Africanas. As manifestações realizadas em diferentes fronteiras do Zimbabué contaram com a participação de mais de oito mil pessoas que protestaram contra as violações dos direitos humanos e o desmantelamento das camadas sociais médias no Zimbabué. Durante as longas vigílias nocturnas, as marchas de protesto e os concertos, as organizações dos países vizinhos e os refugiados do Zimbabué deram expressão às suas preocupações sobre a deterioração das liberdades fundamentais dos habitantes do Zimbabué.

Depois das eleições a Zimbabwe Watch dedicou-se seriamente à salvaguarda de espaço democrático para actividades dos cidadãos e para as camadas sociais médias. Depois do resultado das eleições roubadas o governo tomou um curso destrutivo e removeu em todo o país as chamadas povoações ilegais e os negociantes não oficiais das cidades. Esta ‘Operation Restore Order’ (operação de restauração da ordem pública) foi concebida para eliminar qualquer forma de oposição. O partido da oposição MDC e as camadas sociais médias, fortes nos centros urbanos, foram os principais alvos desta severa actuação. Por meio destas actuações mais de setecentas mil pessoas perderam a sua casa ou o seu trabalho.

Através dos media e de foros africanos e internacionais, a Zimbabwe Watch requereu continuamente atenção para as violações dos direitos humanos durante a execução da ‘Operation Restore Order’. Mobilizou também apoios para obrigar à apresentação de justificações e para a indemnização das vítimas.

Ditaduras em todo o mundo

Juntamente com organizações holandesas e sindicatos activos no Zimbabué, na Bielorrússia e na Birmânia, a Zimbabwe Watch organizou um número de actividades de consciencialização sobre os regimes ditatoriais destes três países. O ponto central desta Campanha contra Ditaduras Extremas foi uma conferência sobre o papel tanto das camadas sociais médias como dos governos ocidentais, nas tentativas de melhorar a situação nas ditaduras extremas. Para as organizações que participaram nesta conferência isto representou uma oportunidade excelente para trocar experiências, e solicitar atenção para as penosas condições humanas e a opressão com as quais são confrontadas diariamente. A conferência foi encerrada com algumas recomendações enérgicas: os governos ocidentais devem apoiar estruturalmente as organizações sociais e aplicar ‘medidas inteligentes de sanção’. Estas sanções são dirigidas contra o governo e não contra a população. A conferência e o debate público atraíram muitos visitantes e receberam muita atenção por parte da imprensa.

Para mais informações, consulte www.zimbabwewatch.org

5.4 SANPAD

South African-Netherlands Research Programme on Alternatives in Development (SANPAD) é um programa que estimula a pesquisa de alta qualidade por cientistas sul-africanos. O SANPAD pretende sobretudo incrementar a pesquisa científica por sul-africanos oriundos de grupos populacionais desfavorecidos. Durante o apartheid estes praticamente não tiveram oportunidades no universo científico sul-africano, dominado por brancos. Os cientistas sul-africanos colaboram na pesquisa com colegas de uma das universidades holandesas.

O SANPAD financia principalmente estudos na área de Ciências Sociais, Direito e Literatura. Todos os projectos de estudo têm que representar uma relevância social e de preferência devem ser orientados para influenciar a linha política.

O programa de estudos existe desde 1997 e é financiado pelo Ministério holandês da cooperação para o desenvolvimento. O secretariado holandês está alojado no edifício do NiZA, o secretariado sul-africano executa a gestão financeira do programa. O NiZA participa nas reuniões da direcção holandesa do SANPAD e na direcção central do SANPAD, na qual também está representada a parte sul-africana do programa.

Em 2005 o ensino superior na África do Sul entrou na última fase de uma enorme reestruturação. Alguns estabelecimentos de ensino foram fundidos. Este processo iniciado em 2004 causou inquietação no pessoal científico. Por essa razão alguns deles não puderam dedicar tanto tempo ao estudo SANPAD. A reestruturação está quase no fim e isto provoca um efeito positivo no trabalho dos grupos de estudo.

Cursos com sucesso

Apesar das condições de insegurança o SANPAD recebeu sessenta e três propostas de estudo em 2005. Entre elas foram aprovadas quinze o que faz de 2005 um ano normal, neste sentido. Desde 1997 foram apoiados no total cento e vinte e cinco estudos. Destes, entretanto, sessenta e seis já foram concluídos com sucesso.

O SANPAD organiza anualmente diversos cursos e workshops de acordo com as necessidades dos cientistas e estudantes. Estas actividades, tanto a nível organizativo como de conteúdo, decorrem cada vez melhor. Em 2005 vinte e seis cientistas juniores de projectos do SANPAD acompanharam um curso de metodologia de estudo, como apoio para o seu próprio estudo de doutoramento académico. Para cientistas seniores foram novamente organizados workshops sobre 'gestão de projectos' e acompanhamento de doutorandos. Finalmente foram financiadas cinco *pre-proposal workshops* nos quais os cientistas receberão acompanhamento para a formulação das suas próprias propostas de estudo.

Para mais informações, consulte www.sanpad.org.za

6 Planeamento, monitorização e avaliação

O NiZA realiza o seu trabalho com dinheiro público, proveniente de doações de pessoas privadas e de várias fontes de subsídio, o que requer uma justificação cuidadosa das despesas. Para este efeito, o NiZA elabora anualmente diversos relatórios, como o para o Ministério das Relações Exteriores, de onde provém grande parte dos subsídios do NiZA. Os doadores recebem o presente relatório anual. Além disso, o NiZA encarrega anualmente um contabilista da verificação das contas do exercício. O presente relatório inclui uma versão sucinta destas contas anuais.

Em 2005, o trabalho do NiZA foi avaliado várias vezes por peritos independentes. O NiZA recebeu uma pontuação muito elevada na avaliação do regulamento de subsídio *TMF*, usado até a 2006 pelo Ministério das Relações Exteriores para organizações de desenvolvimento de menor porte como o NiZA. Um grande número de cientistas pesquisou o trabalho de mais de sessenta organizações que receberam dinheiro no âmbito deste regulamento. No caso do NiZA, examinaram o Programa de Direitos Humanos e o sistema de qualidade e avaliação.

Investimentos bem colocados

Acerca do Programa de Direitos Humanos, os autores da avaliação escreveram: ‘A contribuição do NiZA consiste geralmente em investimentos bem colocados e impulsionados por parcerias, que são aplicados em actividades de capacitação, confiança e criação de redes de contactos. Com o seu foco na capacitação o NiZA, com um investimento relativamente pequeno (se o compararmos com o de outros doadores), parece produzir um bom resultado no que se refere ao melhoramento e reforço da organização interna dos seus parceiros [...] O ‘investimento na confiança’ tem sido muito eficaz porque aumenta a colaboração e a comunicação. Mais do que um mero doador, o NiZA é um parceiro (político): há um verdadeiro compromisso [...] O êxito do NiZA em ajudar a estabelecer redes regionais resultou em muitos novos contactos, novas experiências e informações trocadas.’¹²

Ênfase na aprendizagem

No seu sistema de qualidade e avaliação, o NiZA coloca a ênfase na aprendizagem *conjunta*, sob o lema: ‘quando se dá prioridade à aprendizagem, a responsabilidade social aumenta.’ É por isso que o NiZA investe na formação dos seus colaboradores e nos contactos de colaboradores com parceiros. Extrair lições do passado, junto com os outros, só será possível se houver um contacto frequente entre ambas as partes, uma relação de igualdade e um ambiente de confiança em que se podem admitir erros. Para tal, os colaboradores discutem várias vezes por ano os planos, o progresso, os obstáculos e os resultados com os parceiros. Os resultados da discussão entram de novo no próprio ciclo da linha de acção do NiZA, cujos resultados são seguidamente submetidos ao parecer dos parceiros.

¹² *Theme based Cofinancing programme: Study on human rights*, Van Genugten e.o., 2006, p. 79 (tradução pelo NiZA).

Os avaliadores que examinaram este sistema de qualidade e avaliação por ordem do ministério deram um parecer muito positivo, porque o ciclo não só tem por objectivo que se aprenda com uma avaliação mas também que, seguidamente, o aprendido seja posto em prática.

Para concluir, um outro financiador importante do NiZA, Personnel Services Overseas (PSO), avaliou em 2005 o Programa de Jovens para os Media do NiZA. No quadro deste programa, jovens jornalistas holandeses trabalham para media sul-africanos durante três a seis meses. A comissão concluiu que o intercâmbio ‘foi muito relevante para os participantes. Os seus conhecimentos e aptidões melhoraram e eles amadureceram na sua profissão de jornalista.’¹³ O efeito visado, notícias mais equilibradas sobre a África nos media holandeses, só se pode tornar visível a mais longo prazo. As organizações de media africanas que participaram no programa observaram, entre outras, que também elas próprias tinham tirado proveito do trabalho com jornalistas bem formados da Holanda.

¹³ *External review: NiZA Media Youth Programme, 27 October 2005, p. 20.*

7 Organização interna

O NiZA é uma organização que aprende. É o que prova, entre outras coisas, a grande atenção dada em 2005 ao treino e desenvolvimento dos colaboradores. Ademais, foi um ano estável para a organização: o número de colaboradores permaneceu quase igual face a 2004. Igualmente, houve só um ligeiro aumento na ausência por doença. Realizaram-se duas mudanças na organização administrativa. Caroline van Dullemen assumiu o cargo de presidente administrativo e foi instalado um conselho de trabalhadores.

7.1 Assuntos de pessoal

O treino tem vindo a ocupar um lugar cada vez mais importante no NiZA. Dá-se um lugar central à aprendizagem em conjunto, de organizações parceiras e junto com elas. Os gestores e os colaboradores de posição mais elevada receberam um ‘treino de facilitação’ para melhorar a colaboração e comunicação com organizações parceiras. Também foram organizados diversos treinos de grupo para, e por colaboradores, sintonizados com o rumo adoptado pelo NiZA e com as capacidades necessárias para o efeito. Por exemplo, realizaram-se reuniões obrigatórias sobre os temas HIV/SIDA e democratização e sobre técnicas como a troca de informação e o lobbying.

Para acompanhar bem os colaboradores no seu próprio desenvolvimento, a direcção e os gestores seguiram um treino na área do acompanhamento de pessoal e sobre os diferentes estilos de gestão.

Análise de obstáculos

Em reacção a sinais vindos da organização, a direcção encarregou em Dezembro de 2005 um perito externo de realizar uma análise de obstáculos. Esta análise abrangeu a estrutura da organização, a comunicação interna e a cultura da organização. Com base nos resultados, a direcção elaborou um plano faseado que será executado em 2006.

Estágios na África Austral

Além de treinos, o NiZA também considera estágios como uma boa maneira de desenvolver os conhecimentos e aptidões dos seus colaboradores. Por isso, trabalhadores do NiZA têm a oportunidade de fazer estágio numa organização parceira a partir de 2006. Isso tem diversas vantagens: os colaboradores dão uma contribuição concreta para uma organização parceira, desenvolvem-se a si mesmos e obtêm experiências e contactos úteis para o NiZA. Em 2005, seleccionaram-se três colaboradores para fazer estágio durante dois a três meses em 2006. As organizações parceiras estão envolvidas no plano de trabalho dos estagiários do NiZA.

O NiZA e os parceiros trabalham o mais possível com peritos do Sul e querem limitar a utilização de peritos do Norte. Os colaboradores do NiZA não são destacados como chefes de projecto.

Número estável de trabalhadores

No final de 2005 trabalhavam no NiZA 61 pessoas: 46 mulheres e 15 homens. No final de 2004, este número era de 58. A maioria trabalha em regime de tempo parcial. Dez colaboradores não são oriundos da Holanda. Nove colaboradores têm mais de cinquenta anos. Em 2005 o NiZA também empregou estagiários e consultantes para tarefas temporárias. Além de dois voluntários permanentes, o NiZA também soube estabelecer relações com uns cinquenta outros voluntários que ofereceram apoio temporário, por exemplo em eventos como o ‘Anuário Vivo’.

Se aparecerem vagas sem que haja candidatos internos, o NiZA coloca um anúncio no website www.niza.nl, em vários websites gratuitos e no Centrum voor Werk en Inkomen (o serviço nacional de emprego). Verificou-se que há poucos candidatos de fora da Holanda que concorrem por este meio, e por isso o NiZA procurará em 2006 outras maneiras de aumentar a diversidade entre os seus colaboradores. No caso de vagas para funções de gestão ou direcção, o NiZA recorre por vezes a uma agência externa de recrutamento e selecção.

Em 2005 foram alterados e introduzidos os **procedimentos de avaliação** dos colaboradores, assim como as respectivas descrições de função. A pedido do conselho de trabalhadores, o procedimento será avaliado em fins de 2006.

Em 2005, os colaboradores e a comissão de trabalhadores participaram na decisão do NiZA de introduzir um **código interno de conduta**. Este código será ampliado em 2006, com códigos de conduta para viagens de serviço e uma política de HIV/SIDA. O NiZA indicou três pessoas de confiança e instaurou um regime de confiança.

Condições de trabalho em ordem

Em 2005 o serviço de inspecção de trabalho AGW fez uma pesquisa sobre o escritório e as condições de trabalho no NiZA. As condições de trabalho estavam geralmente de acordo com as exigências. Todas as recomendações foram seguidas. Por exemplo, o NiZA formou três socorristas internos, elaborou um plano de primeiros socorros internos e reforçou a política de tabagismo.

Além disso, todos os novos colaboradores receberam um treino especial para evitar lesões por esforços repetitivos (LER) e eles podem mandar examinar o seu local de trabalho.

Lamentavelmente, a **ausência por doença** aumentou de 4,2 para 4,9 por cento, devido em parte a alguns casos de doença demorada. Embora a percentagem esteja abaixo da média nacional, o NiZA faz um esforço estruturado para manter baixo o nível da ausência por doença. Presta-se muita atenção ao *stress* no trabalho, às condições ergonómicas nos locais de trabalho e às qualidades de liderança dos gestores. Em caso de doença, existem contactos intensivos entre o trabalhador, o superior, o médico do serviço de inspecção de trabalho e o funcionário do departamento de pessoal.

Gestão de facilidades

Por falta de locais para reuniões e possibilidades de armazenagem, o NiZA alugou, em 2005, mais espaço no edifício onde está domiciliado. Parte deste espaço foi alugado

(temporariamente) a quatro organizações pequenas. O NiZA deverá ter encontrado um novo alojamento em 2007. Para este efeito foi estabelecida uma comissão de alojamento no final de 2005, a fim de realizar as primeiras preparações.

Quanto à selecção de fornecedores, o NiZA prefere recorrer a empresas que respeitam critérios de qualidade sociais e ecológicos. Parte do almoço e o chá e café cumprem os critérios do comércio justo ou ecológicos. O papel de impressão é reciclado. A tipografia habitual cumpre as normas de responsabilidade social empresarial no uso da tinta, do papel e da prensa. O habitual serviço de fotocópias mantém uma política de pessoal de cunho social, por exemplo em favor de pessoas com pouca experiência profissional e poucas habilitações. O NiZA confia a execução da publicidade por correio em grandes quantidades à fundação SNWA, que acompanha pessoas com problemas psíquicos na busca de trabalho assalariado ou formação.

7.2 A organização administrativa

Desde o ano de constituição, 1997, o NiZA tem uma direcção e um conselho de administração. O conselho de administração monitoriza à distância o funcionamento da direcção e da organização, de acordo com o 'código Wijffels' da associação holandesa de organizações angariadoras de fundos, de que o NiZA é membro. O conselho de administração reúne pelo menos quatro vezes por ano e aprova os planos plurianuais, planos anuais, orçamentos anuais e contas anuais. O relatório de administração baseia-se no presente relatório anual e faz parte das contas anuais.

Os membros do conselho de administração não recebem reembolso de despesas. Se fizerem despesas directas para o NiZA, o que quase nunca ocorre, as despesas serão reembolsadas com a apresentação de uma factura. Os procedimentos aplicáveis ao conselho de administração constam dos estatutos. Os procedimentos da gestão são aprovados pelo conselho de administração e estão descritos nas contas anuais. O NiZA possui um regulamento que descreve a relação entre o conselho de administração e a direcção. Esta relação é um dos assuntos da entrevista de desempenho que o conselho de administração costuma manter com a direcção. Além disso, mantêm-se entrevistas de avaliação.

Os membros do conselho de administração são nomeados por três anos, podendo ser eleitos de novo imediatamente depois. Em 2005, Caroline van Dullemen, membro do conselho de administração em exercício, sucedeu a Coen Stork como presidente. Coen Stork foi destituído a pedido próprio, após muitos anos de presidência.

Em 2005 o conselho de administração era constituído pelas seguintes pessoas:

- **Coen Stork**, presidente (até a 17-05-05)
Coen Stork foi embaixador na África do Sul, em Cuba e na Roménia. É membro do comité Nederland-Helsinki.
- **Caroline van Dullemen**, presidente (a partir de 17-05-05)
Caroline van Dullemen é directora da WorldGranny, uma organização sem fins lucrativos para pessoas idosas em países em via de desenvolvimento e trabalhou no

Ministério das Relações Exteriores como secretária do Conselho Nacional de Cooperação para o Desenvolvimento. De 2002 a 2004, foi directora do centro de estudos científicos do partido político holandês GroenLinks.

- **Niels Feis**, tesoureiro

Niels Feis foi proprietário duma agência de desenho gráfico. É tesoureiro de algumas fundações sociais e culturais na Holanda.

- **Frank Baas**, secretário

Frank Baas foi responsável político da organização de empregadores VNO/NCW e membro da deputação provincial da Holanda Setentrional para o partido D66. É proprietário de Ruimte, palco de encontro de artistas. Também é presidente da organização interprofissional de agências de actores (BOACT) e membro do conselho do centro de formação ROC ASA em Amsterdão.

- **Ans Zwerver**, membro do conselho de administração

Ans Zwerver é antiga senadora do partido GroenLinks e antigo membro do Parlamento do Conselho da Europa. Foi observadora internacional de eleições em vários países. Há pouco esteve activamente envolvida na organização de eleições no Iraque e no Afeganistão.

A direcção assume a chefia diária da organização, autorizada pelo conselho de administração através do regulamento de direcção. Em 2005 a direcção foi composta pelo director geral e pelo director de programa. O rendimento conjunto da direcção é de € 134.774, incluindo as contribuições patronais e as para o regime de pensões. Em 2004, o rendimento conjunto era de € 129.997. Nenhum dos dois directores exerce outras funções. Ambos os directores representam o NiZA em diversas comissões e redes de contactos.¹⁴

7.3 Comissão de trabalhadores

Visto que em 2005 o NiZA tinha, pela primeira vez, mais de 50 trabalhadores ao seu serviço, a representação do pessoal foi convertida para uma comissão de trabalhadores. Durante eleições realizadas em Fevereiro, o pessoal pôde dar o seu voto pela comissão.

Os principais assuntos tratados este ano pela comissão foram o novo procedimento de avaliação de trabalhadores e as respectivas descrições de função. A comissão concordou sob condição de que ambas as coisas iriam ser avaliadas em fins de 2006.

Além disso, a comissão de trabalhadores abordou a questão da passagem para uma nova instituição de seguro de pensão, o novo seguro colectivo de doença, a diminuição de segurança no edifício do NiZA em consequência da partida de outros inquilinos e a inventariação de riscos pelo serviço de inspecção de trabalho.¹⁵

Por fim, a comissão de trabalhadores propôs-se a esforçar-se especialmente por uma melhor comunicação interna e pelo controlo de processos de tomada de decisões que

¹⁴ Ver o anexo Redes de contactos e colaboração.

¹⁵ Ver o parágrafo 7.1: Assuntos de pessoal.

interessam a todos os colaboradores do NiZA. A necessidade disso tinha aumentado nos últimos dois anos, em parte por causa do forte crescimento da organização.

Em 2005 a comissão de trabalhadores era composta por cinco membros, eleitos por todos os colaboradores com excepção dos membros da direcção e daqueles que estavam ao serviço há menos de 6 meses. A comissão reunia-se mensalmente e tinha reuniões trimestrais com a direcção.

8 Justificação financeira

No que se refere a situação financeira, o NiZA teve um bom ano. Aumentaram novamente as despesas a favor dos seus objectivos. Mais de oito milhões de euros foram destinados para a democratização na África Austral e para a informação e o reforço da base de apoio na Holanda e Europa. Foram sobretudo as despesas para actividades na África Austral que aumentaram. O NiZA também obteve resultados operacionais positivos de mais de € 60.000, atingindo assim o aumento desejado e necessário da reserva permanente.

A boa situação financeira do NiZA persiste. Até o final de 2006, o NiZA tem à sua disposição um subsídio institucional do Ministério das Relações Exteriores, atribuído por quatro anos. Entretanto, já se apresentou um novo pedido de subsídio para o período de 2007 a 2010. Os programas temáticos em benefício de parceiros na África Austral também podem ser ampliados em 2006, graças a subsídios de PSO.

8.1 Demonstração da situação financeira

Em 2005, o NiZA propôs-se a fazer pleno uso das possibilidades financeiras dentro dos quatro programas temáticos, prevenindo a subexecução. O NiZA sucedeu e empregou a quantia mencionado no plano, € 4.989.884, nos parceiros e projectos na África Austral. Por isso, as despesas totais a favor dos objectivos do NiZA atingiram o montante recorde de € 8.334.682, um aumento de € 593.526 em relação a 2004.

Este aumento mostra que as actividades do NiZA continuam a desenvolver-se. Tudo isso foi possível graças a um aumento do subsídio atribuído por PSO, uma das principais entidades financiadoras do NiZA, e ao subsídio institucional do Ministério.

O NiZA obteve em 2005 resultados operacionais positivos de € 60.346, o que reverteu em benefício do património. O património disponível do NiZA aumentou de € 73.015 e era de € 767.486 a 31 de Dezembro de 2005. As amortizações líquidas para o ano de 2005 foram de € 12.669. Foram deduzidas da provisão para activos operacionais.

8.2 Demonstração dos rendimentos

Para o seu trabalho, o NiZA obtém rendimentos de, entre outras, angariação de fundos e subsídios governamentais. O desenvolvimento dos rendimentos em 2005 está descrito abaixo.

Angariação de fundos

Em 2005, o NiZA recebeu € 414.642 em doações. Foi menos do que o montante orçamentado de € 457.500 e representou um decréscimo de cinco por cento (€ 19.924) em relação a 2004. Na altura das eleições no Zimbabué, o NiZA colectou dinheiro adicional para projectos de democratização no Zimbabué com a campanha pública 'Fundo para a Democracia'. A campanha rendeu € 56.231, mais do que € 6.000 euros acima do orçamentado. Apesar deste sucesso, depois desta campanha os rendimentos de angariação de fundos ficaram abaixo do previsto. O NiZA decidiu optar por uma abordagem mais directa na captação de novos doadores: em 2006, uma agência externa

realizará, por ordem do NiZA, uma acção orientada de campanha porta-a-porta. O NiZA mandou fazer uma análise de perfil com base no ficheiro dos doadores actuais e examinou em seguida, junto com uma agência de campanhas de angariação, qual a região que oferece as melhores perspectivas para uma angariação porta-a-porta bem sucedida. Os primeiros resultados deste novo método de angariação são prometedores. No final de 2006, o NiZA decidirá se prossegue com a campanha.

As despesas das actividades de angariação de fundos pelo NiZA foram de € 81.694, quase € 5.000 menos do que o previsto. Em 2004, ainda eram de € 108.354. Representa um decréscimo de mais de 24 por cento, que foi causado por menores custos de execução e angariação. Em 2005, os custos de angariação de fundos estavam em 20 por cento dos fundos angariados, mais de 5 por cento a menos do que em 2004.

Subsídios governamentais e de outras fontes

O NiZA presta apoio financeiro a uma centena de organizações da África Austral no âmbito de quatro programas temáticos: Media e liberdade de expressão, Direitos Humanos e Construção de Paz, NePAD e Responsabilidade Social Empresarial no sector das matérias-primas (PPP). Os últimos dois são designados neste relatório como o Programa de Justiça Económica. Os subsídios recebidos para os programas e um número de outros projectos na África Austral atingiram o total de € 4.989.884, o que era € 208.260 a mais do que em 2004.

O NiZA recebeu € 4.184.763 para os quatro programas temáticos, € 408.147 menos do que orçamentado. Isto deve-se ao facto de que a promessa de financiamento do programa NePAD já tinha sido cumprida completamente em 2004 (ver contas anuais de 2004). Por isso, não foi possível lançar receitas para este programa em 2005, embora tivesse sido planeada uma despesa de € 400.000 no orçamento.

Outros projectos para os quais o NiZA recebeu receitas foram SANPAD e PEPSA. Por ordem do Ministério das Relações Exteriores, o NiZA efectua o programa de pesquisa SANPAD. Para este efeito o NiZA recebeu € 376.222. De Hivos, recebeu € 143.525 para diversas actividades em relação com eleições na África Austral (PEPSA). Para os restantes projectos, o NiZA recebeu de vários doadores holandeses e estrangeiros a quantia de € 105.174, aplicada entre outras para a exposição 'Diamond Matters' na República Democrática do Congo, Angola e Serra Leoa. O Ministério de Cooperação para o Desenvolvimento do Canadá subsidiou uma conferência do NiZA sobre a responsabilidade social empresarial na África Austral.

Além de apoiar a democratização na África Austral, o NiZA empenha-se, na Holanda e Europa, em prover informação sobre a região e manter a base de apoio para a cooperação para o desenvolvimento. Para estes dois objectivos na Holanda e Europa, o NiZA recebeu em 2005 € 525.965 a título de subsídios de informação, de acordo com o previsto no orçamento.

A Comissão holandesa de Cooperação Internacional e Desenvolvimento Sustentável (NCDO) pôs à disposição € 100.000 para diversas actividades de informação. A campanha 'Fatal Transactions' relativa ao comércio ilegal de matérias-primas recebeu € 172.193 da União Europeia e € 20.000 da Novib. O NiZA recebeu de Hivos € 125.000 para algumas actividades de informação, tais como a Conferência Mandela e o 'Anuário

Vivo da África Austral'. O município de Amsterdão colocou € 27.000 à disposição do NiZA para o protocolo de geminação entre Amsterdão e Beira. Visto que o município de Amsterdão resolveu terminar este protocolo, 2005 foi o último ano em que o NiZA recebeu subsídio para o efeito.

Por último, o NiZA recebeu em 2003 um subsídio institucional do Ministério das Relações Exteriores. O subsídio total para o período de 2003 até 2006, inclusive, é de € 9.000.000. Em 2005 gastou-se € 2.500.000 deste total. A atribuição anual deste subsídio de acordo com o regulamento TMF aumenta cada ano, proporcionalmente com o crescimento da organização e as subidas anuais de custos.

Outras receitas

As outras receitas compreendem o retorno dos investimentos, as receitas de juros e as vendas da revista 'Zuidelijk Afrika Magazine'.

Aumento do valor dos investimentos

Em Setembro de 2003, o NiZA comprou, por € 1.000.000, participações no fundo de acções ASN e no fundo de investimentos ASN. Em 2005, o aumento do valor destes investimentos foi de € 88.137.

Juros e mudanças no valor dos investimentos

Em 2005, o NiZA recebeu € 111.673 em juros e valores mudados dos seus investimentos. Os juros das receitas totalizaram € 23.536. O aumento do valor dos investimentos no ASN BANK foi de € 88.137. Estas receitas não foram incorporadas no orçamento. No caso de contrariedades financeiras, estas receitas também servirão de reserva para evitar um resultado operacional negativo.

Zuidelijk Afrika Magazine

Desde 1997, o NiZA publica a revista 'Zuidelijk Afrika Magazine' (ZAM). As receitas externas da ZAM são constituídas de assinaturas, anúncios e venda avulsa. A diferença entre estas receitas e as despesas da ZAM é financiada pelo NiZA. A fim de obter mais assinantes, o NiZA iniciou uma campanha de angariação em 2004, a qual não teve o resultado desejado em 2005. As receitas eram de € 43.782 em 2005, mais de € 2.000 abaixo do orçamentado. O NiZA decidiu angariar fundos externos para a revista, entre outras para dar um impulso adicional à angariação de assinantes tornando a revista mais atractiva. Em 2006, o NiZA apreciará se este objectivo financeiro foi cumprido ou não e tomará uma decisão sobre o futuro da revista.

Outros rendimentos

Os outros rendimentos foram de € 27.878 embora tivessem sido orçamentados € 20.000. O rendimento mais alto deve-se em primeiro lugar a algumas pequenas receitas imprevistas.

8.3 Demonstração das despesas

Em 2005, o NiZA gastou € 8.334.682 nos seus objectivos, o que representa menos do que o orçamentado. Isso deve-se ao facto de que as despesas no âmbito do programa NePAD para o ano de 2005 já tinham sido incorporadas nas contas anuais de 2004,

porque os contratos com os parceiros foram celebrados em 2004 para um período de um ano e meio. Contudo, no orçamento de 2005 NePAD tinha sido orçamentado em € 400.000, de acordo com a promessa de PSO. Com excepção desta diferença, as despesas de todos os programas foram realizadas de acordo com o orçamento. Em 2005, o NiZA gastou €593.526 (cerca de 9 por cento) a mais nos seus objectivos do que em 2004. Este desenvolvimento está em linha com o crescimento contínuo do NiZA começado em 2000.

As despesas para a informação e o reforço da base de apoio na Holanda e Europa foram de € 1.903.093 em 2005, mais € 240.656 do que o orçamentado. Esta diferença deve-se ao facto de que as despesas da campanha 'Fatal Transactions' foram inscritas no orçamento sob a rubrica de 'ajuda estrutural', embora esta campanha seja de facto uma actividade de informação que deve, portanto, ser classificada na rubrica de 'actividades no Norte' (actividades de informação e consciencialização na Holanda e Europa).

O NiZA investiu, entre outras, em conhecimento e política, em actividades de lobby, no centro de documentação BIDOC e no website. Estes investimentos estão em linha com a política reforçada que o NiZA segue para se desenvolver como mediador de conhecimento e como organização de lobby e redes de contactos. No entanto, este tipo de actividades é trabalhoso e acarreta elevados custos de execução.

Património disponível

O património disponível do NiZA era de € 767.486 a 31 de Dezembro de 2005. Representa um aumento de € 73.015, em conformidade com a política.

O NiZA tem por política usar o seu capital disponível principalmente como reserva, para poder contrapor as contrariedades financeiras. Visto que o NiZA cresce, os riscos financeiros aumentam também. Por isso, o património terá que aumentar igualmente. Em 2004 a VFI, associação holandesa para entidades angariadoras de fundos, lançou a Directiva para as Reservas para Trabalho de Beneficência, que define o modo como as organizações de beneficência devem manejar os fundos em reserva. A Agência Central para Angariação de Fundos, à qual o NiZA está afiliado, adoptou a nova directiva. O NiZA resolveu fazer análise de risco com base na directiva VFI para determinar o volume desejado da sua reserva permanente. O volume actual do património parece ser muito baixo em relação ao tamanho da organização. Actualmente, essa relação é de 29 por cento, ao passo que a directiva VFI permite um máximo de 150 por cento. O NiZA procura melhorar a relação, sem que pretenda alcançar a percentagem máxima.

Política de investimentos do NiZA e riscos de património

Em 2005, o NiZA seguiu uma política de investimento neutra, moderadamente ofensiva. Em meados de 2003, o NiZA adquiriu participações no fundo de acções e fundo de obrigações do ASN Bank. Este investimento rendeu um retorno positivo de € 88.137 em 2005. O NiZA considera que os riscos de capital dos seus investimentos são limitados, porque as obrigações são consideradas um investimento seguro e porque o fundo de acções do ASN Bank participa na melhoria das bolsas de valores.

O resumo acima apresentado da justificação financeira para 2005 foi extraído do relatório de administração de 2005, que contém as contas anuais de 2005 e o orçamento para 2006 e pode ser encomendado gratuitamente no NiZA.

9 Anexos

- A Missão do NiZA
- Objecto da Fundação NiZA
- Parceiros na África Austral
- Redes de contactos e colaboração
- Publicações
- Abreviaturas
- Objectivo deste relatório anual
- Ficha técnica

10 A missão do NiZA

UMA ÁFRICA AUSTRAL DEMOCRÁTICA. É NISSO QUE O NiZA PÔE TODO O EMPENHO.

Baseando-se numa longa história de solidariedade e diálogo crítico, o NiZA colabora com pessoas e organizações na África e Europa para uma África Austral democrática. Partilhamos o ideal de uma África Austral com uma população capaz de realizar uma divisão justa de poder, recursos e oportunidades, onde os direitos humanos serão respeitados e garantidos. O NiZA suporta a luta contra a desigualdade e injustiça, apoiando organizações sociais e cidadãos na África, e sobretudo mulheres e raparigas, no seu esforço para actuar como uma força crítica. Em estreita relação com esta luta, o NiZA e as redes das quais o NiZA faz parte empenham-se para alterar a balança de poder internacional em benefício da democracia e do desenvolvimento na África Austral.

Pano de fundo

O Instituto holandês para a África Austral (NiZA) foi formado em 1997 como uma fusão de três movimentos anteriores que combatiam o apartheid. O Instituto para a África Austral, o Comité holandês para a África Austral e a Fundação Eduardo Mondlane conjugaram as suas experiências na luta para uma África Austral livre e justa. Combinaram as suas extensas redes de movimentos de libertação locais e de organizações sociais. Além de tomar conta desta enorme rede de parceiros, o NiZA ficou com o grande grupo de apoio das organizações na Holanda. Muitos patrocinadores continuaram a apoiar o NiZA e fazem-no até hoje.

O NiZA não se apresenta como uma organização doadora tradicional que está acima das organizações parceiras na África Austral, mas como uma **organização de solidariedade** que se encontra ao lado delas. Em princípio, essa solidariedade focaliza-se nos seguintes países:

- África do Sul
- Angola
- Botswana
- Lesoto
- Malawi
- Moçambique
- Namíbia
- República Democrática do Congo
- Suazilândia
- Tanzânia
- Zâmbia
- Zimbabué

11 Objecto da Fundação NiZA

Nos estatutos do NiZA, os objectivos da fundação são definidos como se segue:

- Fazer contribuições para o desenvolvimento de sociedades estáveis e democráticas na região da África Austral;
- Ajudar a eliminar atrasos nas condições de vida de grandes grupos populacionais na África Austral;
- Manter vivo o interesse na Holanda e Europa pela região da África Austral.

O NiZA procura alcançar estes objectivos através de:

- Apoio material e em recursos humanos a projectos de desenvolvimento na África Austral;
- Exercício de influência sobre políticas em relação à África Austral;
- Actividades de informação e publicações;
- Disponibilização de informações e documentação por meio de uma Biblioteca e Centro de Informação e Documentação profissional;
- Angariação de fundos entre pessoas privadas.

12 Parceiros na África Austral

12.1 Programa de Direitos Humanos e Construção de Paz

Género e desenvolvimento

- Fórum Mulher, Moçambique;
- NGO Coordinating Council, Zâmbia;
- Rede Mulher, Angola;
- Rural Development Services Network, África do Sul;
- Western Cape Anti-Crime Forum, África do Sul;
- Women for Change, Zâmbia.

Assistência jurídica

- Center for Advice, Research and Education on Human Rights, Malawi;
- Lawyers for Human Rights, África do Sul;
- Legal Resources Foundation, Zâmbia;
- Legal Resources Foundation, Zimbabué;
- Liga dos Direitos Humanos, Moçambique;
- Mãos Livres, Angola;
- National Community Based Paralegal Association, África do Sul;
- South African Legal Assistance Network; tem papel activo na África Austral.

Informação sobre direitos humanos

- Associação de Serviços Comunitários, Moçambique;
- Center for Human Rights and Rehabilitation, Malawi;
- Civic Education Network Trust, Zimbabué;
- Coordinating Body of Refugee Communities, África do Sul;
- National Constitutional Assembly, Zimbabué;
- Public Affairs Committee, Malawi.

Construção de Paz e mediação de conflitos

- Associação Nacional dos Deficientes Angolanos;
- Projecto de Construção de Paz, Angola;
- ProPaz, Moçambique;
- Zimbabwe Liberators Platform.

12.2 Programa de Justiça Económica

Responsabilidade social das empresas e matérias-primas

- Association Africaine de Défense de Droits de l'Homme/ Katanga, RDC;
- Bench Marks Foundation of Southern Africa for CSR, África do Sul;
- Botswana Council of NGOs;
- Catholic Commission for Justice Development and Peace, Zâmbia;

- Centre National d'Appui au Développement et à la Participation Populaire, RDC;
- Development and Education Community Project, Zâmbia;
- Greater Rustenburg Community Foundation, África do Sul;
- groundWork, África do Sul;
- Groupe d'Appui aux Exploitants des Ressources Naturelles, RDC;
- Jubileu 2000, Angola;
- Juventude Ecológica Angolana;
- Mpalabanda, Angola;
- National Children's Rights Committee, África do Sul;
- Nouvelle Dynamique Syndicale, RDC;
- Organisation Concertée des Ecologistes et Amis de la Nature, RDC;
- Rede Terra, Angola;
- Somarelang Tikologo, Botswana;
- South Durban Community Environmental Alliance, África do Sul;
- Zambia Congress of Trade Unions.

New Partnership for Africa's Development

- Associação para Agricultura Biológica, Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável, Moçambique;
- Botswana Council of Churches;
- Botswana Council of NGOs;
- Catholic Centre for Justice, Development and Peace, Zâmbia;
- Centre for Public Participation, África do Sul;
- Civil Servants Union of Zambia;
- Confederação de Sindicatos Livres e Independentes de Moçambique;
- Conselho Christao de Moçambique;
- Economic Association of Zambia;
- Grupo Moçambicano da Dívida;
- Jesuit Centre for Theological Reflection, Zâmbia;
- Khanya College, África do Sul;
- National Youth Council, Botswana;
- National Institute for Economic Policy, África do Sul;
- Programme Against Malnutrition, Zâmbia;
- Rural Services Development Network, África do Sul;
- Tlhavhama Training Initiative, África do Sul;
- União Nacional de Camponeses, Moçambique;
- Womens NGO Coalition, Botswana;
- Zambia Alliance of Women.

12.3 Programa Media e Liberdade de Expressão

Lobby e apoio activo

- Freedom of Expression Institute, África do Sul;
- Journaliste en Danger, RDC;

- Media Alliance Zimbabwe - *flex partner*¹⁶;
- Media Institute of Southern Africa, Moçambique;
- Media Institute of Southern Africa, Namíbia - agência regional;
- Media Institute of Southern Africa, Zimbabué;
- Media Monitoring Project Zimbabwe;
- Southern African Media Gender Institute, África do Sul - tem papel activo na África Austral;
- Swaziland National Association of Journalists;
- Union Nationale de la Presse Congolaise, RDC.

Acesso a informação

- Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente, Angola;
- African Community Publishing and Development Trust, Zimbabué;
- Association of Independent Publishers - *flex partner*, África do Sul;
- Behind the Mask Trust, África do Sul - tem papel activo na África Austral;
- Development Workshop, Angola;
- Forum of African Investigative Journalists - *flex partner*, África do Sul - tem papel activo na África Austral;
- Magazine Trust / The Big Issue, Namíbia;
- Rádio Ecclésia, Angola;
- Radio Maendeleo, RDC;
- Southern African Editors Forum - *flex partner*, África do Sul - tem papel activo na África Austral;
- SW Radio Africa - *flex partner*, Grã-Bretanha/Zimbabué;
- The Independent and The Standard Newspapers - *flex partner*, Zimbabué;
- Zimbabwe Congress of Trade Unions / The Worker.

Qualidade da informação (treino)

- College of the Arts, Namíbia;
- Gender and Media in Southern Africa - *flex partner*, África do Sul - tem papel activo na África Austral;
- Gender Links, África do Sul - tem papel activo na África Austral;
- Highway Africa, África do Sul - tem papel activo na África Austral;
- Institute for the Advancement of Journalism, África do Sul - tem papel activo na África Austral;
- NSJ Southern African Media Training Centre, Moçambique - tem papel activo na África Austral;
- Polytechnic of Namibia;
- Rhodes University, faculteit journalistiek, África do Sul - tem papel activo na África Austral;
- Southern African Media Trainers Network, Moçambique - tem papel activo na África Austral.

¹⁶ Os *flex partners* (parceiros flexíveis) recebem apoio ocasional nas suas actividades.

Sustentabilidade financeira (treino)

- Sol Plaatje Media Leadership Institute, África do Sul - tem papel activo na África Austral;
- Southern Africa Institute for Media Entrepreneurship Development, Botswana - tem papel activo na África Austral.

13 Redes de contactos e colaboração

O NiZA aloja as seguintes campanhas e alianças:

- ‘Fatal Transactions’ (campanha nacional e internacional);
- SANPAD (Programa sul-africano e holandês de Pesquisa de Alternativas em Desenvolvimento);
- Zimbabwe Watch.

Em 2005, o NiZA prosseguiu de diversas maneiras a sua colaboração com outras partes. Abaixo segue um resumo.

Cooperação internacional

Holanda:

- Hivos, aliança estratégica;
- Lusofoon Afrika Overleg (comité consultivo sobre a África Lusófona);
- Rede NGO-EU (confederação de ONGs para ajuda e desenvolvimento) - representação holandesa no CONCORD;
- Consulta de organizações TMF: plataforma TMF e grupo directivo TMF. O grupo directivo está envolvido em consultas com o Ministério holandês das Relações Exteriores sobre o seu novo quadro de política e avaliação, o ‘Sistema de Co-financiamento’. Além disso, o grupo directivo aconselha o grupo directivo de Avaliação das organizações TMF;
- Partos (organização interprofissional de organizações privadas no domínio da cooperação internacional); membro;
- Plataforma dos Objectivos do Milénio e a campanha ‘Maak het Waar’ (Promessa por cumprir);
- PSO (Personnel Services Overseas): associação e diversos grupos de trabalho;
- SANPAD (South-Africa Netherlands Programme for Academic Development): participação em reuniões da administração geral e holandesa;
- SAVUSA (South-Africa Vrije Universiteit Strategic Alliances): série de publicações;
- VFI (associação holandesa de entidades angariadoras de fundos): membro.

Internacional:

- British Angola Forum: concelho consultivo;
- PEPSA (Preconditions for Elections Programme Southern Africa): aliança entre Hivos, MISA e NiZA.

Justiça económica

Holanda:

- Plataforma dos Grandes Lagos;
- Jubilee Netherlands;
- Plataforma de Responsabilidade Social de Empresas;
- Milieudefensie (organização ambiental holandesa);

- Ponto de Contacto nacional para directivas da OCDE: participação em reuniões de consulta do Ponto de Contacto;
- Stichting Onderzoek Multinationale Ondernemingen (fundação para o estudo de companhias multinacionais);
- West Africa Witness.

Internacional:

- Diamonds for Development Initiative;
- European Network for Debt and Development (Eurodad);
- OECD-Watch;
- Campanha Publish What You Pay.

Media e liberdade de expressão

- PANOS-França: actividades conjuntas na RDC;
- Southern African Media Funders' Forum: presidente.

Direitos humanos e construção de paz

- Breed Mensenrechten Overleg: consulta entre ONGs, o Ministério das Relações Exteriores e académicos.

Outros

- Archiefcommissie Nederland - Zuidelijk Afrika (comissão de arquivos);
- Facilitair Initiatief Amsterdam.

14 Publicações

Em 2005 o NiZA editou as seguintes publicações:

- *Lessons not learned: The other Shell report 2004*, Advocates for Environmental Rights, Friends of the Earth, Milieudefensie. – London: Friends of the Earth, Amsterdam: Milieudefensie & NiZA, June 2005;
- *Lundas. The stones of death. Angola's deadly diamonds: human rights abuses in the Lunda provinces*, Rafael Marques and Rui Falcão de Campos. – Amsterdam: NiZA, March 2005. - (também disponível em português, sob o título *Lundas: as pedras da morte*);
- *Making human rights real for all. Baseline survey information of Paralegal Work and Training in Southern Africa*, Mary E. Ndlovu. – Amsterdam: NiZA, June 2005;
- *Observaties van een niet-officiële verkiezingswaarnemer. Parlementsverkiezingen Zimbabwe 2005*, Peter Hermes. – Amsterdam: NiZA, april 2005;
- *The struggle over education in the Northern Transvaal: the case of Catholic mission schools, 1948-1994*, N.J.S. Mathabatha – Amsterdam: NiZA, SAVUSA and Rozenberg Publishers, 2005. - SAVUSA-NiZA Student Publication Series; 1);
- *Verkiezingen in Mozambique. Over waarnemers, overgespoten staatsauto's en obscure software*, Elma Doeleman. – Amsterdam; NiZA, februari 2005;
- *Vrede en verzoening: het bijeenbrengen van en bruggen slaan tussen diverse bevolkingsgroepen*, Farid Esack.- Amsterdam: NiZA; Den Haag: Hivos, mei 2005. – (Mandela Lezing; 2);
- *Een vriendschapsband van twintig jaar: stedenband Amsterdam - Beira*, Nini van Driel. – Amsterdam: NiZA, juni 2005.

Publicações periódicas

- *Relatório anual do NiZA 2004*: resumo das actividades do NiZA e dos resultados em 2004;
- *NiZA Informatie*: publicação trimestral em holandês para doadores e afins;
- *Zuidelijk Afrika Magazine*: revista trimestral sobre a região, somente em holandês, compilada por uma redacção independente e publicada pelo NiZA (ISSN 1386-4297);
- *I write as I please*, crónica semanal por Wilf Mbanga em www.niza.nl

Boletins electrónicos (trimestrais)

- *Fatal Transactions Nieuwsbrief*;
- *MediaNews*;
- *NePAD Newsletter*;
- *Nieuwsbrief voor partners van het Mensenrechtenprogramma (destinado aos parceiros do Programa de Direitos Humanos)*;
- *Peace, Principles and Participation Newsletter*;
- *Publish What You Pay Nieuwsbrief* (em colaboração com Pax Christi).

Dossiers do BIDOC (ISSN:1574-860X)

- *Hiv/aids in zuidelijk Afrika*, 2^a edição, completamente renovada.

As seguintes publicações receberam uma contribuição financeira do NiZA:

- *African Journalism in the Information Society* in: Rhodes Journalism Review, Nr. 18 (Nov. 2005). - Grahamstown: Rhodes University, The School of Journalism and Media Studies. Special edition;
- *Brothers from the West. Solidarity in the Netherlands with Mozambique / Irmãos do Ocidente: Solidariedade na Holanda com Moçambique 1962-2005*, Sietse Bosgra e Carla Schuddeboom.- Amsterdam: NiZA; Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, Junho de 2005;
- *Corporate social responsibility: perspectives from the South*, Karolien Bais. - Amsterdam: Stichting Onderzoek Multinationale Ondernemingen, May 2005;
- *Diamond Matters. Van de mijnen naar de jet-set*, Kadir van Lohuizen. – Amsterdam: Mets en Schilt, mei 2005;
- *Estado da Liberdade de Imprensa, Relatório 2004*, Media institute of Southern Africa-Mozambique. - Maputo: MISA-Moçambique, Maio de 2005;
- *Media Training Handbook*, Ransford Antwi, Class Thor en Willie Olivier. – Maputo: Southern African Media Training Trust (NSJ), December 2005;
- *Participation: civic education and community mobilization*, Civic Education and Community Mobilization. – Civcom; Amsterdam: NiZA, July 2005;
- *Outside the ballot box: preconditions for elections in southern Africa 2004/5*, Jeanette Minnie. – Windhoek: Media Institute of Southern Africa, June 2005;
- *Rapport 2005. La Liberté de la Presse en Afrique Centrale*, Journaliste en Danger, mai 2005;
- *Diamantes de sangue* em: Semanário Angolense N^o 109 (23 - 30 Abril de 2005). – Luanda. Anexo especial; versão resumida do relatório *Lundas: as pedras da morte*.

Para mais informações, consulte www.niza.nl/publications

15 Abreviaturas

BIDOC	Biblioteca e Centro de Informação e Documentação do NiZA
EISA	Instituto Eleitoral da África Austral
Hivos	Instituto Humanista de Cooperação para o Desenvolvimento
MDC	Movement for Democratic Change
MISA	Instituto de Media da África Austral
NePAD	Nova Parceria Para o Desenvolvimento da África
NiZA	Instituto holandês para a África Austral
OCDE	Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Nações Unidas
OSISA	Open Society Initiative for Southern Africa
PEPSA	Precondições para Programas Eleitorais na África Austral
PPP	Paz, Princípios e Participação
PSO	Personnel Services Overseas
PUDEMO	People's United Democratic Movement
RDC	República Democrática do Congo
SADC	Comunidade de Desenvolvimento da África Austral
SANPAD	Programa sul-africano e holandês de Pesquisa de Alternativas em Desenvolvimento
SOMO	Fundação para o estudo de companhias multinacionais
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
TMF	Co-financiamento temático
UE	União Europeia

16 Objectivo deste relatório anual

Com este relatório anual público, o NiZA responsabiliza-se pela sua linha de acção em 2005 e pela respectiva execução. Este relatório anual público também está disponível em inglês e holandês. Para dar uma impressão da linha de acção financeira inclui-se uma versão concisa das demonstrações financeiras oficiais. O NiZA publica igualmente um relatório de gestão, que contém as demonstrações financeiras completas de 2005. Todos os relatórios estão disponíveis em www.niza.nl/annualreport ou podem ser encomendadas gratuitamente: niza@niza.nl ou +31 20 5206210.

17 Ficha técnica

Instituto holandês para a África Austral

Endereço postal:

Postbus 10707

NL - 1001 ES Amsterdam

Telefone: +31 20 520 62 10

Fax: +31 20 520 62 49

E-mail: niza@niza.nl

www.niza.nl

Doações e Assinaturas: Postbank Account No. 26655

Outros Pagamentos: Postbank Account No. 600657

Edição e produção: Berendien Bos e a agência de comunicação Schrijf-Schrijf, Utrecht

Tradução: Jan Willem en Iris Bennema,

Desenho: Frank Langedijk BNO, Almere

Impressão: De Raddraaier, Amsterdam

Publicação: © Nederlands instituut voor Zuidelijk Afrika, 2006

ISBN-10: 90-78028-00-9

ISBN-13: 978-90-78028-00-0